



PLANO DIRECTOR MUNICIPAL DE ÁGUEDA – REVISÃO

**ESTUDOS SECTORIAIS:
História e Património**

Abril 2009

**ÍNDICE**

	Pág.
1. INTRODUÇÃO	3
2. PERSPECTIVA HISTÓRICA	3
2.1. DAS ORIGENS DO POVOAMENTO A “CASAL LAUSATO”	3
2.2. DE “CASAL LAUSATO” À CIDADE DE ÁGUEDA	6
3. PATRIMÓNIO CULTURAL CLASSIFICADO OU EM VIAS DE CLASSIFICAÇÃO	8
3.1. MONUMENTOS NACIONAIS	8
3.2. IMÓVEIS DE INTERESSE PÚBLICO	9
3.3. IMÓVEIS DE INTERESSE MUNICIPAL	11
3.4. IMÓVEIS EM VIAS DE CLASSIFICAÇÃO	12
3.5. PROCESSOS EM ESTUDO	14
3.6. PROCESSOS ARQUIVADOS	18
4. PATRIMÓNIO PASSÍVEL DE CLASSIFICAÇÃO	19
5. IMÓVEIS DE INTERESSE PATRIMONIAL	27
5.1. ESPAÇO HISTÓRICO-CULTURAL	28
5.2. IGREJAS PAROQUIAIS	41
5.3. CAPELAS	46
5.4. ESCOLAS DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO	53
5.5. ESTAÇÕES DA LINHA DO VALE DO VOUGA	56
5.6. CASAS DE GUARDA FLORESTAL	57
5.7. REVIVALISMO E ECLECTISMO: O EXEMPLO DAS CASAS DE BRASILEIRO	59
5.8. OUTROS IMÓVEIS DE VALOR PATRIMONIAL	64
5.9. AGLOMERADOS ANTIGOS DA ZONA SERRANA	67



6. ELEMENTOS DE INTERESSE PATRIMONIAL	73
6.1. ALMINHAS, CALVÁRIOS E CRUZEIROS	73
6.2. ELEMENTOS INDUSTRIAIS	77
6.3. FONTES	78
6.4. MIRADOUROS	81
6.5. ESPÓLIO DOS MUSEUS	82
6.6. PONTES	83
6.7. OUTROS ELEMENTOS	84
6.8. SÉCULO XX - REFERÊNCIAS DA ARQUITECTURA MODERNA	85
7. PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO	86
7.1. INTRODUÇÃO	86
7.2. A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO: DA PRÉ-HISTÓRIA ANTIGA AO MEDIEVO	87
7.2.1. Pré-História Antiga: Paleolítico, Mesolítico	87
7.2.2. Pré-História Recente: Neolítico, Calcolítico	88
7.2.3. Proto-História: Idade do Bronze, Idade do Ferro	93
7.2.4. Época Romana	96
7.2.5. O Medievo	99
8. SÍNTESE	109
8.1. DEBILIDADES	109
8.2. POTENCIALIDADES	110
9. BIBLIOGRAFIA / WEBGRAFIA	111
ANEXOS	119



1. INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende efectuar uma caracterização do património arquitectónico e arqueológico do Concelho, que importa salvaguardar e valorizar. Desta forma, procurou-se numa primeira fase fazer o ponto de situação das propostas de classificação apontadas no Plano Director Municipal de Águeda da 1ª geração, recorrendo ao inventário do Instituto Português do Património Arquitectónico. A par disto, efectuou-se um levantamento no terreno do património cultural (arquitectónico e arqueológico) existente no Concelho, e, subsequentemente, procedeu-se à recolha de informação sobre os mesmos, nomeadamente, do Inventário da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, do Inventário Artístico de Portugal e de outras fontes bibliográficas.

2. PERSPECTIVA HISTÓRICA

2.1. DAS ORIGENS DO POVOAMENTO A “CASAL LAUSATO”

A região que actualmente constitui o Concelho de Águeda tem povoamento documentado desde o Paleolítico Superior ou seja, desde há cerca de 40 000 anos. Trata-se de uma ocupação humana de que apenas se conhece a sua existência, nos terraços aluvionares, a partir das indústrias líticas enquadráveis naquela época.

Com a sedentarização progressiva das populações, a partir do Neolítico – cerca do V milénio a. C. – os testemunhos arqueológicos tornam-se mais significativos, pontuando os monumentos funerários (tumulus ou mamoas) a paisagem da região. Encontram-se estas expressivas arquitecturas funerárias um pouco por todo o aro concelhio, com maior expressividade nos sectores paisagísticos em que o desenvolvimento urbano tem sido mais contido, como no caso das regiões mais interiores em que ainda predominam largas extensões de pinhais e/ou relevos pouco desbravados pela acção do homem moderno, daí que se conheçam vários exemplares elucidativos das práticas funerárias destas primeiras populações de pastores e agricultores que iniciam os primeiros passos no arroteamento dos solos.



Dos habitats destes primeiros povoadores nada se conhece na região, por falta de estudos aprofundados sobre o assunto, pelo que os primeiros povoados – abertos, ou seja, sem estruturas defensivas significativas – apenas se encontram documentados a partir da Idade do Bronze, no II milénio a. C.

É com efeito, com a introdução do metal, mesmo se ainda predominam significativamente os artefactos líticos, que se assiste a uma visualização expressiva dos modos de habitar um dado local, em detrimento das práticas funerárias que, aparentemente, perdem o estatuto socio-económico que se encontravam durante o Neolítico.

Estes povoados encontram-se implantados no cimo de elevações de média altitude, dominando extensas áreas de paisagem agrícola e de pastoreio, assim como áreas de circulação, não só de pessoas, como de bens materiais.

São povoados abertos, sem estruturas defensivas ostentatórias e em que as construções, como as que se conhecem no Cabeço do Vouga, são à base de palha barro. Contudo, a cultura material destas populações, particularmente ao nível da cerâmica, apresenta uma grande qualidade técnica quer no fabrico, como no tratamento das superfícies dos recipientes – técnicas do modelado manual, como a brunidura das superfícies externas, o que lhes dá uma aparência metálica inconfundível, em recipientes de mesa com as suas características formas carenadas.

O metal – bronze – é, contudo, raro, dado tratar-se ainda de um bem de prestígio, acessível apenas às elites e, como tal, por elas controlado e não disponível ao grosso da população das aldeias da Idade do Bronze.

Estes pequenos povoados de altura estarão na origem das populações da I Idade do Ferro – mediterrânica e atlântica – que lhes sucederão no mesmo espaço geográfico, a partir de 1 000/900 a. C./700 a. C., segundo a periodização de Armando Coelho Ferreira da Silva (Silva, 1992).



A Idade do Ferro, no aro concelhio de Águeda, encontra forte expressividade, se bem que o caso que melhor exemplifique este povoamento continue a ser o Cabeço do Vouga, dados os estudos sistemáticos que aí decorrem desde 1996. Contudo, dada a toponímia explícita com que as populações, ao longo do tempo denominaram estes povoados, a sua existência está amplamente comprovada.

Designados genericamente por castros, crastos, cristelos e mesmo castelos, encontram-se por todo o Concelho de Águeda testemunhos do povoamento desta época, entroncando aqui muitas das aldeias e/ou lugares do Concelho – Crastovães é, aliás, um exemplo bem significativo das raízes proto-históricas da povoação, entre muitos outros exemplos que se poderiam aduzir.

A partir do século I a.C., com a invasão da Península Ibérica pelos Romanos, assiste-se a profundas mudanças económicas, sociais e políticas que também ocorrerão, como não poderia deixar de ser, nesta parcela da então província romana da Tarraconense.

A ocupação romana está assim documentada no Concelho de Águeda, não só através dos vestígios arqueológicos associados aos agora romanizados povoados da Idade do Ferro, de que sobressai o Cabeço do Vouga, mas também pela existência de troços da rede viária romana como os que se encontram na área de Pedações e entre o Pontilhão e Serem de Cima, a par de outros indicadores “avulsos” da romanidade no Concelho, como a existência de mosaicos romanos em Aguada de Baixo, ou ainda de fornos para o fabrico de telha romana, também em Aguada de Baixo e ainda em Espinhel, e, uma ara votiva dedicada a uma divindade indígena, proveniente de Aguada de Cima.

Com o desmoronar do Império Romano, as invasões bárbaras e, posteriormente, a invasão e o domínio árabe, o povoamento de raiz proto-histórica nuns casos dissolve-se e, noutros, remodela-se dando origem a muitas das povoações actualmente existentes, de que resulta que, por altura do ano 1 000, o povoamento se prefigura sensivelmente naquilo que hoje se conhece.



O mesmo se terá verificado com a actual cidade de Águeda. Embora surja na documentação alto medievla com a designação de Casal Lausato (1050), a sua fundação deverá ter ocorrido nos tempos longínquos da Pré e Proto-História, na colina onde se implanta a Igreja de Santa Eulália.

2.2. DE “CASAL LAUSATO” À CIDADE DE ÁGUEDA

A designação moderna da cidade cabeça do Concelho deve encontrar-se no rio que a atravessa, o Águeda, afluente da margem esquerda do Rio Vouga, com origem na Serra do Caramulo.

Nas origens da povoação encontra-se a alto medieval Casal Lausato segundo consta de documento notarial datado de 1050, embora já desde o século IX haja referências às terras de ripa de Ágata. De todos os modos, porém, a fundação da povoação entroncará certamente em povoado da Idade do Ferro, sobranceiro ao rio, na área ocupada pela igreja de Santa Eulália e respectivo adro.

Embora a região tivesse por certo alguma prosperidade agrícola, fomentada pelo vale do Águeda e a que o porto de Santa Eulália forneceria o necessário complemento económico, a realidade é que com o decurso do tempo a região foi perdendo importância, agravando-se ainda mais o seu pouco desenvolvimento com o surto de epidemias que grassou no século XIV, levando a que as populações abandonassem as terras em busca de paragens mais saudáveis, aumentando, em contrapartida, as doações aos mosteiros e conventos que viam assim crescer as suas rendas e o seu poderio económico.

No século XV inverte-se a tendência demográfica e económica regressiva, pelo arroteamento de novas terras, com consequências nas divisões administrativas, pela elevação de muitas vilas a cidades, criação de novas vilas e concelhos, reforma dos forais “velhos”.

A então povoação de Águeda, ainda em situação recessiva tinha o seu território distribuído entre os mosteiros de Lorvão e da Vacariça, para além de ser uma terra reguenga, pelo que acabaria por ser anexada em 1515 à casa ducal de Aveiro, não tendo tido “foral novo”, donde o não ter sido sede de Concelho manuelino.



Com a redefinição das entidades administrativas, no século XIX, no quadro das políticas liberais nascentes, é criado em 1834 o actual Concelho de Águeda, até pelo facto de possuir uma posição geo-estratégica significativa na esfera da estratégia político-militar da altura, com infra-estruturas que acorriam ao esforço militar daqueles tempos conturbados – a existência de um hospital jogou um papel fundamental naquela criação do Concelho.

O novel Concelho, então criado, englobava 18 das freguesias actuais. De fora estavam então as Freguesias de Fermentelos e a da Borralha. Fermentelos passa a estar integrado no Concelho de Águeda, a partir de 1895 e a da Borralha em 1986.

Relativamente às freguesias do Concelho, é curioso verificar que na relação de propriedades, de que os documentos de 1050 e 1077 dão notícia, constam alguns dos principais lugares do actual Concelho: Lamas, Valle Longum (Valongo do Vouga), Faramontanos (Fermentões), Jafari (Jafafe), Castrelo (Toural), Farelanes (Cavadas), Seren (Serem), Padazanes (Pedações), Segadanes (Segadães), Castrovalane (Castrovães), Covellas (Covelas), Spinelie (Espinhel), Ederoni (Oronhe), Paradella (Paradela), Recardannes (Recardães), Casal de Lausato (Águeda), Abciquinis (Assequins), Barriolo (Barrô), Bolfar (Bolfiar) e Faramontanellos (Fermentelos).

No século XIX com a reestruturação da rede viária e a implementação dos transportes ferroviários, a vila de Águeda passa a desempenhar um papel fundamental no quadro do eixo norte-sul, com um reflexo positivo não só no aumento populacional, enquanto local de chegada das populações do interior e sua fixação, como ainda enquanto pólo dinamizador das actividades socio-económicas daí decorrentes.

Todo o desenvolvimento promovido pelas alterações na rede dos transportes, na fixação das populações e, conseqüentemente, no volume das transacções comerciais, industriais e mesmo nos serviços, conduziria a um desenvolvimento inter-regional de larga escala que justamente levaria a vila de Águeda - a medieva Casal Lausato - à moderna e bem sucedida cidade de Águeda, elevada àquela categoria em 1985.



3. PATRIMÓNIO CULTURAL CLASSIFICADO OU EM VIAS DE CLASSIFICAÇÃO

Não sendo o Concelho de Águeda extremamente rico em termos patrimoniais, quando comparado com outros exemplos do território nacional, este encontra-se, todavia, pontuado por alguns elementos arquitectónicos e arqueológicos de relevo, com características que importam salvaguardar e valorizar, garantindo a qualidade das intervenções futuras. Analisado o património cultural que se encontra classificado¹ nos termos da lei, recorrendo ao inventário do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), verificou-se que existe apenas um monumento nacional, seis imóveis de interesse público e um imóvel de interesse municipal, encontrando-se ainda quatro imóveis em vias de classificação.

3.1. MONUMENTOS NACIONAIS

No panorama concelhio destaca-se apenas um imóvel classificado como monumento nacional², a Igreja da Trofa, compreendendo os Túmulos dos Lemos / Panteão dos Lemos. A actual Igreja Matriz é constituída por uma nave única do século XVIII-XIX e a capela-mor renascentista, a qual se pensa ter sido executada aproveitando a capela funerária original, foi mandada edificar por Duarte de Lemos, terceiro senhor da Trofa. A capela-mor abrange dois grupos de arcos tumulares posicionados em lados opostos, um dos quais contém a estátua do “cavaleiro orante Duarte de Lemos”, atribuída a Hodart³. Os túmulos foram destinados à sepultura de Duarte de Lemos e sua esposa D. Joana de Melo, bem como dos seus antecessores por linhagem no senhorio da Trofa, seus avós Gomes Martins de Lemos (primeiro senhor da Trofa, a quem foi atribuído o senhorio por D. Afonso V) e esposa D. Maria de Azevedo e seus pais João Gomes de Lemos e D. Violante de Sequeira.



Figuras 1 a 4 – Igreja da Trofa, compreendendo os Túmulos dos Lemos / Panteão dos Lemos (1 / A1)⁴.

¹ De acordo com o estabelecido pela Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro, os bens culturais imóveis podem ser classificados como de interesse nacional, de interesse público ou de interesse municipal.

² Um bem considera-se de interesse nacional, adoptando a designação de Monumento Nacional, quando a “respectiva protecção e valorização, no todo ou em parte, represente um valor cultural de significado para a Nação.” (Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro, artigo 15.º ponto 4).

³ Escultor Renascentista.

⁴ Código – O primeiro número faz correspondência com a Carta dos Elementos Patrimoniais e a segunda letra e número faz correspondência com a Planta de Ordenamento – Património e o Anexo I do Regulamento.



3.2. IMÓVEIS DE INTERESSE PÚBLICO

No que se refere aos imóveis de interesse público⁵ existem em Águeda alguns exemplos de relevo, estes são a Estação Arqueológica de Cabeço do Vouga / Castelum Marnelis; a Ponte Velha do Marnel e os Pelourinhos de Aguada de Cima, Assequins, Serém e Trofa.



Figura 5 – Estação Arqueológica de Cabeço do Vouga (2 / A2).

Na Estação Arqueológica de Cabeço do Vouga decorrem estudos sistemáticos desde 1996 que atestam que no território concelhio, continua a ser o caso que melhor exemplifica um povoamento da Idade do Ferro, posteriormente romanizado e posto a descoberto através das escavações arqueológicas⁶.



Figura 6 – Ponte Velha do Marnel (3 / A3).

Quanto à Ponte Velha do Marnel, classificado como Imóvel de Interesse Público por Decreto n.º 40684, de 13 de Julho de 1956, terá sido reconstruída sobre uma obra de arte medieval. Arquitectonicamente, é constituída por cinco arcos, sendo os dois dos extremos de volta perfeita e os centrais em arco abatido⁵.

Quanto aos pelourinhos, por serem dos únicos monumentos que atestam a antiga organização social do país, também símbolos de aplicação da justiça, estes encontram-se todos abrangidos pelo Decreto-Lei n.º 23:122, de 11 de Outubro de 1933. Todos os concelhos outrora instituídos, actualmente englobados no território Aguedense, deveriam ter possuído o seu pelourinho, porém, hoje apenas se conhece a existência de quatro ou parte deles, que são os de Aguada de Cima, de Assequins, da Trofa e de Serém. Apenas este último não consta da base de dados do IPPAR, contudo, encontra-se em curso o processo para a sua inclusão. Dos outros desaparecidos, segundo Ladeira (s.d.), o do Brunhido (desaparecido no início do século XX) erguia-se em local onde hoje se encontra um cruzeiro, e, o de Segadães, ainda existia no século

⁵ "Um bem considera-se de interesse público quando a respectiva protecção e valorização represente ainda um valor cultural de importância nacional, mas para o qual o regime de protecção inerente à classificação como de interesse nacional se mostre desproporcionado." (Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro, artigo 15.º ponto 5).

⁶ Consultar o ponto 7 do presente estudo relativo ao Património Arqueológico.



XIX. Já o de Recardães, de acordo com Capão (2001) “Somente o seu plinto se pode observar no Rossio da Fonte, no lugar do Souto, junto às antigas instalações da Câmara.”



Figuras 7 – Pelourinho de Aguada de Cima (4)

Quanto ao Pelourinho de Aguada de Cima, segundo Capão (2001) “É constituído por três peças que formam o fuste da coluna octogonal terminada por um brasão de armas portuguesas, com o remate superior em pirâmide com uma coroa; portanto fraccionado, sem degraus; está resguardado no Museu de Aveiro.”



Figura 8 – Pelourinho de Assequins (5).

Relativamente ao Pelourinho de Assequins, data do século XVI, do qual resta apenas o fuste de calcário, de base paralelepípedica, seguida de cilindro de secção variável, rematado por colarete. Actualmente, encontra-se parte no edifício da Junta de Freguesia de Águeda e o fragmento da base na Câmara Municipal.



Figura 9 – Pelourinho de Serém (6 / A4).

O Pelourinho de Serém localizou-se em tempos junto à fonte de Serém de Baixo, em local onde hoje se ergue uma habitação. Posteriormente adquirido, foi implantado num largo junto ao IC 2, onde se encontra actualmente. Este é de granito, com base paralelepípedica e fuste octogonal.



Figura 10 – Pelourinho da Trofa (7 / A5).

No que concerne ao Pelourinho da Trofa, este situa-se num largo empedrado, bem próximo da Igreja da Trofa. Este pertence ao segundo quartel do século XVI, executado em granito, com base em forma de paralelepípedo, fuste octogonal e segundo Gonçalves (1959) “(...) A pinha é outro corpo igualmente em paralelepípedo, sendo as esquinas tratadas em balaústres e as faces rematadas em linha que deveria ser conopial, mutilada porém. Numa das faces assenta escudo nacional incompleto, na posterior uma espécie de rosácea discoide, nas outras duas está indecifrável o que ali existe. (...)”



3.3. IMÓVEIS DE INTERESSE MUNICIPAL

No que diz respeito aos imóveis classificados como de interesse municipal⁷, encontra-se no Concelho de Águeda apenas um pertencente a esta categoria, classificado por Decreto n.º 2/96, de 6 de Março de 1996 – o Parque de Alta Vila – localizado no centro da cidade de Águeda, a poente da EN 1. Este abrange uma área de cerca de 31 400 m² e constitui um bom exemplo de arquitectura revivalista. Executado na segunda metade do século XIX, a sua motivação romântica é comprovada, por exemplo, pelas guaritas e ameias esculpidas nos muros que o encerram, revelando influências medievais, ou até na estrutura interna do parque, pontuada por pequenas pontes, lagos e plantação de espécies de árvores exóticas. Refiram-se várias outras construções de carácter ecléctico que pontuam o jardim, entre estas a capela e a casa de habitação, ambas revestidas a pedra tipo seixo de várias dimensões, o pavilhão de caça construído em adobe, o pombal, a estufa e o campo de ténis. O primeiro proprietário foi o Dr. Eduardo Caldeira e, em 1910, a propriedade foi adquirida pela família Melo Freitas, tendo sido parcialmente doada em testamento, por morte da última titular, à Câmara Municipal, que adquiriu, aos herdeiros, a parte restante do parque em 1985.



⁷ "Consideram-se de interesse municipal os bens cuja protecção e valorização, no todo ou em parte, representem um valor cultural de significado predominante para um determinado município." (Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro, artigo 15.º ponto 6).



Figuras 11 a 19 – Parque de Alta Vila (8 / A6).

3.4. IMÓVEIS EM VIAS DE CLASSIFICAÇÃO

No panorama concelhio, destacam-se ainda três imóveis que se encontram em vias de classificação, estando em fase de delimitação da Zona Especial de Protecção⁸. São estes a Igreja Paroquial de Agadão, a Igreja Matriz de Belazaima do Chão e a Casa da Borralha, Capela e Jardim Envolvente.

Relativamente à Igreja Paroquial de Agadão, dedicada a Santa Maria Madalena, esta começou a ser construída na segunda metade do século XVIII, seguindo-se a execução das talhas e pinturas, algumas das quais datam já do início do século XIX. As fachadas são rebocadas e pintadas de branco, com cantarias de granito, que envolvem os vãos, formam o embasamento, cimalkhas e marcam os cunhais encimados por pináculos. Ao eixo da frontaria rasga-se a porta principal de vão recto e cornija saliente. Logo acima abre-se um óculo e nicho superior, estando a torre sineira adossada à esquerda. Das esculturas existentes no interior, pode-se destacar a da padroeira, Santa Maria Madalena, do final do século XV, executada em calcário. Os tectos da nave e da capela-mor são em caixotões de madeira.



Figura 20 a 22 – Igreja Matriz de Agadão (9 / B1).

⁸ Entende-se por zona especial de protecção, a área envolta ao edifício na qual qualquer intervenção terá que obter parecer por parte do organismo do património cultural competente em razão da matéria.



Quanto a Igreja Matriz de Belazaima do Chão foi reconstruída na primeira metade do século XVIII, tal como indica o letreiro gravado no friso da porta principal. Todavia, existem alguns elementos dispersos que foram aplicados na construção, tais como jambas⁹ e dintéis¹⁰, datados do século XVII. Na fachada principal, cujas cantarias são maioritariamente executadas em calcário, acima da cornija e no mesmo enfiamento da porta encontra-se um nicho que alberga a estátua de São Pedro (orago da igreja), também esta de calcário e do final do gótico, erguendo-se à direita da fachada a torre sineira. No interior, a igreja é constituída por nave única e capela-mor, ambas com tectos em caixotões, existindo cinco retábulos de madeira dourada e policromada, da segunda metade do século XVIII. O adro localiza-se à direita e encontra-se vedado por gradeamento e portão de ferro.



Figura 23 a 25 – Igreja Matriz de Belazaima do Chão (10 / B2).

No que concerne à Casa da Borralha, Capela e Jardim Envolvente, nome por que está referenciado pelo IPPAR, é utilizado actualmente como empreendimento turístico (designado por Hotel Palácio da Borralha). Constata-se que este palacete foi construído no século XIX e integra-se no estilo revivalista muito comum em Águeda, que adiante se refere por existirem vários outros exemplares, todavia, não em vias de classificação como este. É constituído por planta longitudinal irregular e volumes articulados, pertencendo alguns, provavelmente a épocas distintas. Destaca-se a fachada principal simétrica com três corpos que sobressaem do plano principal, o do centro maior que os das extremidades, todos rematados por frontão.

⁹ Suporte vertical e plano que envolve um vão.

¹⁰ Verga das portas.



Figura 26 a 32 – Casa da Borralha, Capela e Jardim Envolverte (11 / B3).

3.5. PROCESSOS EM ESTUDO

É de referir que se encontram ainda em estudo, por parte do IPPAR, os processos relativos à Casa da Venda Nova situada no Centro Histórico de Águeda, ao Palácio do Conde de Sucena localizado na Freguesia da Borralha, bem como à Capela do Sobreiro, Casa da Quinta da Agueira e Casal de São José, situados na Freguesia de Valongo do Vouga.

Edificada na segunda metade do século XVIII, a Casa da Venda Nova fica localizada na hoje designada por Rua Eng.º Júlio Portela, estando dividida em duas parcelas distintas, situação bem visível na composição da fachada principal. A primeira parcela é composta, no andar superior, por cinco vãos, ou seja, duas janelas de verga curva e avental recortado nos extremos e três centrais de sacada. Já no andar inferior, localiza-se a porta ao centro e duas janelas alinhadas com as superiores, também estas trabalhadas como as anteriores. A sacada do centro segue linhas curvas, e as laterais linhas direitas, ambas apoiadas sobre mísulas, sendo as grades de linhas curvilíneas em ferro forjado. Quanto à fachada da segunda parcela apresenta três vãos no andar superior, os das extremidades de avental recortado e o do centro de sacada, no piso inferior porta ao centro e janelas do mesmo tipo e alinhadas com as de cima.



Figura 33 a 38 – Casa da Venda Nova (12 / C2).

Relativamente ao Palácio do Conde de Sucena, constata-se que este pertence ao tipo de arquitectura revivalista de inspiração ecléctica, própria do final do século XIX e princípio do século XX, época em que foi mandado construir, após o regresso do Brasil do Conde de Sucena. A quinta é composta por várias edificações revivalistas de referências medievais entre outras, existindo grutas e lagos artificiais de influências românticas na composição dos jardins e mesmo uma construção de evocação chinesa. À face da via está implantada uma construção em forma de “U”, com torres que se elevam nas extremidades, sendo as fachadas rematadas por ameias. Junto ao palacete, separado por via de circulação de veículos, encontra-se parte de uma construção que poderá ter pertencido à quinta, constituída por vão de grandes dimensões em forma de ogiva, ladeado por duas torres e com remate em forma de ameias.



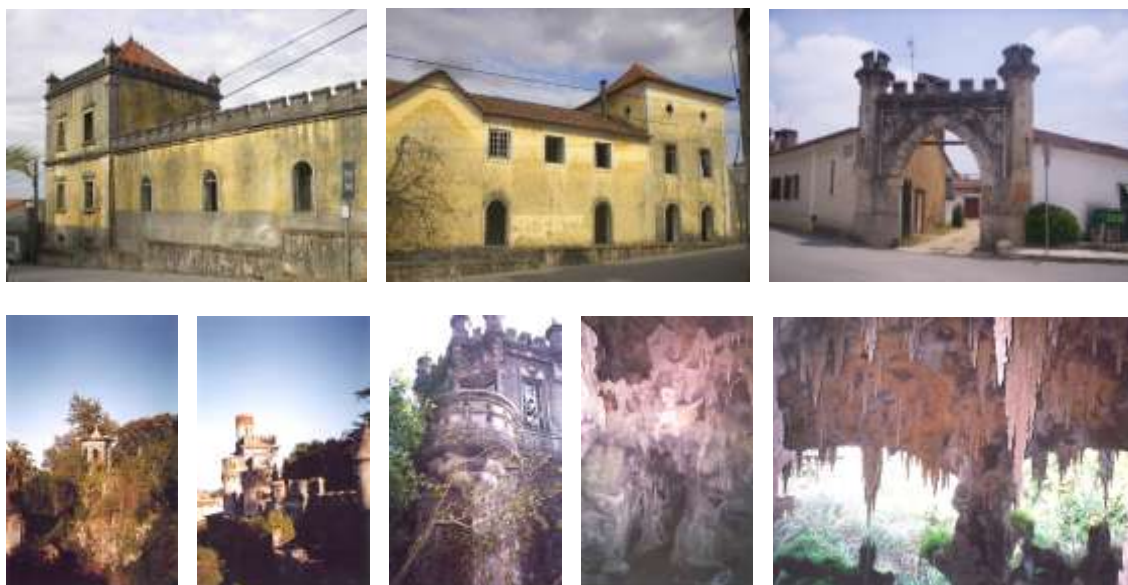


Figura 39 a 49 – Palácio do Conde de Sucena (13 / C7).

Pertencendo à Freguesia de Valongo do Vouga, a Capela do Sobreiro, dedicada a Nossa Senhora das Necessidades, foi mandada construir, no século XVII (1626), pelo Padre Agostinho de Santo António, localizando-se, actualmente, no interior de uma propriedade privada, na qual se ergue casa do século XVIII à face da via. A capela de arquitectura maneirista é constituída por corpo longitudinal e sacristia adossada à direita, sendo a fachada composta por porta central de verga recta e cornija, com dois postigos rectos laterais e um óculo superior, encimado por sineira. Os cunhais são rematados superiormente por pináculos em forma de pirâmide. No interior, encontra-se campã de mármore onde foi sepultada D. Maria Mascarenhas Bandeira Teles de Mancelos Pacheco (31-VIII-1838; 7-XI-1855), mandada colocar pelo viúvo Joaquim Álvaro Teles Figueiredo Pacheco, antigos proprietários. É de referir, a existência de um retábulo de madeira dourada, com três panos, quatro colunas e remate em baixo relevo representando Jesus, Maria e José, este do terceiro quartel do século XVII, assim como uma escultura rara de calcário coimbrão, representando a Virgem e o Menino, cujo letreiro na base indica a época (NOSA SRA DAS NECESSIDADES 1627).



Figura 50 a 52 – Capela do Sobreiro (14 / C10).



No que se refere à casa da Quinta da Agueira, na Freguesia de Valongo do Vouga, esta foi erigida no século XIX e pertenceu aos Condes da Agueira, cujo título foi criado em 1872. Porém, a capela revela no seu interior datas anteriores, ainda que a frontaria seja desta mesma época, como por exemplo, a data de 1735 gravada na porta da sacristia. O tecto desta é executado em caixotões pintados com cenas da Paixão de Cristo, do princípio do século XVIII, existindo ainda um retábulo de madeira dourada da mesma época, que alberga escultura de Nossa Senhora do Bom Despacho. Foi por mão de D. Maria Eufrásia Pacheco Teles (1690-1758) que se institui a capela, encontrando-se esta sepultada em campa no interior. A casa é de tipologia pouco comum, estendendo-se de um a outro lado da via com ligação superior. Os vãos são rectos, uns em janela tipo guilhotina e outros de sacada, mantendo as caixilharias de madeira e grades de ferro forjado. Dois largos confinantes com a via separam a área de residência dos anexos, que se estendem ao longo desta e cujos vãos são rematados por arco de volta perfeita.



Figura 53 a 58 – Capela e Casa da Quinta da Agueira (15 / C11).

Localizada ainda na Agueira, encontra-se uma casa de arquitectura maneirista, construída no século XVII, de dois pisos, designada por Casal de São José. A fachada principal é composta por seis vãos, duas janelas de avental simples, sobrepostas no extremo esquerdo e, à direita, duas portas rectas alinhadas com duas janelas de sacada no andar superior. Entre estas últimas crava-se um nicho encimado por concha, executado em granito, tal como todas as outras cantarias, existindo ainda, entre as janelas e o nicho do andar superior pequenas mísulas de granito. O edifício conserva ainda as caixilharias de madeira e grades de ferro.



Figura 59 a 61 – Casal de São José (16 / C12).

3.6. PROCESSOS ARQUIVADOS

Dos processos arquivados pelo IPPAR constam a Igreja Paroquial de São Martinho, na Freguesia de Aguada de Baixo, a Casa do Adro / Casa do Senhor Conselheiro pertencente à Freguesia de Águeda, a Capela de Nossa Senhora das Candeias anexa à Casa do Redolho, que se localiza na Freguesia da Borralha e por último, na Freguesia de Macinhata do Vouga, a Capela e Ruínas do Antigo Solar da Quinta de Serém. Estes imóveis serão integrados na categoria de “Imóveis de Valor Patrimonial” de que adiante se falará, com excepção da Casa do Adro, uma vez que teve despacho de classificação como Valor Concelhio / Interesse Municipal, de 15 de Junho de 1978, constituindo por isso um imóvel passível de classificação.



Figuras 62 a 66 – Da esquerda para a direita Igreja Matriz de Aguada de Baixo, Casa do Adro, Capela de Nossa Senhora das Candeias, Capela e Ruínas do Antigo Solar da Quinta de Serém.

Quanto à Pousada do Vale do Vouga, também conhecida por Pousada de Santo António ou de Serém, Freguesia de Macinhata do Vouga, foi construída em 1942, tendo sofrido recentemente obras de ampliação. Este imóvel encontrava-se em vias de classificação, no entanto, por despacho do IGESPAR, de 3 de Abril de 2009, o processo foi encerrado.



Figura 67 a 69 – Pousada do Vale do Vouga.



4. PATRIMÓNIO PASSÍVEL DE CLASSIFICAÇÃO

Da análise comparativa entre o património cultural proposto a classificação pelo PDM da 1ª geração e aquele que chegou efectivamente a ser classificado, verifica-se que de cerca de 109 imóveis, conjuntos ou sítios propostos como valores concelhios / interesse municipal, apenas o Parque de Alta Vila foi classificado como imóvel de interesse municipal.

Considerando então a reduzida percentagem de imóveis do Concelho de Águeda classificados até à data, e sabendo que é uma competência da Autarquia propor a classificação de novos valores patrimoniais, em conformidade com o disposto na alínea b) do n.º 2 do artigo 20.º da Lei n.º 159/99 de 14 de Setembro, importa agora apresentar aqueles que se destacam no panorama concelhio. Desta forma, apresenta-se na tabela seguinte uma listagem de imóveis ou conjuntos, respectiva descrição e registo fotográfico, que servirão de base a uma possível classificação futura dos mesmos.

Freguesia Localidade	Designação	Estado de Conservação		
		Mau	Razoável	Bom
Aguada de Cima				
Almas da Areosa	Capela das Almas da Areosa		•	
Águeda				
Centro da Cidade	Casa do Adro / Casa do Senhor Conselheiro		•	
Centro da Cidade	Imóvel no Largo Dr. João Elísio Sucena		•	
Centro da Cidade	Imóvel na Rua Ferraz de Macedo	•		
Assequins	Casa em Assequins		•	
Lamas do Vouga				
	Ponte do Vouga		•	
Macinhata do Vouga				
Serém de Baixo	Casa em Serém de Baixo	•		
Macieira de Alcôba				
Urgueira	Forno Comunitário da Urgueira		•	
Valongo do Vouga				
Arrancada do Vouga	Aldeia de Arrancada	•	•	

Tabela 1 – Património Cultural Passível de Classificação.



Iniciando a análise pela Capela das Almas Santas da Areosa, verifica-se que a sua importância reside em ser o único exemplar de arquitectura barroca, de planta centralizada, existente no território concelhio. Esta tipologia que será dominante no barroco, a par com a decoração em talha dourada e o azulejo, constitui uma originalidade portuguesa no âmbito deste estilo. Com este tipo de planta pretende-se criar um espaço envolvente que seja multidireccional, quebrando com a prevalência da direcção longitudinal própria do estilo maneirista. No âmbito nacional, o núcleo mais notável de pequenas capelas com as características enunciadas está localizado na zona litoral do distrito de Aveiro, residindo aqui a importância regional, e mesmo nacional, da salvaguarda deste exemplo único em Águeda, e por conseguinte, da sua possível classificação como imóvel de interesse público. Esta capela foi construída no século XVIII, tal como indica a data marcada na porta (1769), formando planta octogonal de lados desiguais, acrescida de capela-mor rectangular, incluindo sacristia. As paredes são espessas, rebocadas e pintadas de branco, com cunhais em forma de pilastras toscanas, rematadas por entablamento da mesma ordem e encimadas por fogaréis. Os vãos são de verga curva, existindo duas cruzes trevadas sobre socos, uma no alinhamento da porta principal e outra em posição central na fachada posterior, ao nível da cobertura, sendo esta de oito abas, rematada por lanternim cilíndrico.



Capela das Almas da Areosa / Santuário das Almas da Areosa

Localização – Freguesia: Aguada de Cima, Lugar: Almas da Areosa

Propriedade – Privada: Igreja Católica

Época de construção – Século XVIII

Tipologia – Arquitectura religiosa, barroca e rocóco



Figuras 70 a 73 – Capela das Almas da Areosa (17 / C1).



Observando a Casa do Adro, muitas vezes designada por “Casa do Senhor Conselheiro” por ter servido de residência ao Conselheiro Albano de Melo¹¹ entre 1870 e 1912, foi também residência de António Homem de Melo¹² (daí o largo do adro a nascente deste espaço ter recebido o seu nome) e o poeta Pedro Homem de Melo, tendo sido adquirida pela Câmara Municipal em 1972. O edifício fica localizado numa zona privilegiada do Centro Histórico, com vistas para as várzeas junto ao Rio Águeda. A construção actual não será provavelmente fruto de uma só época, situação que está patente na selecção dos elementos decorativos e na composição da fachada de estilo eclético. É composta por uma planta longitudinal irregular, maioritariamente formada por volumes articulados de dois pisos e uma torre lateral com três pisos. Tanto os muros envolventes, como uma outra construção situada a nascente (figura 77), são revestidos com pedra tipo seixo ou pedra rolada, fazendo lembrar a aplicação de material de algumas construções do Parque de Alta Vila, localizado não muito longe.



Casa do Adro / Casa do Senhor Conselheiro

Localização – Freguesia: Águeda, Centro da Cidade

Propriedade – Pública: Câmara Municipal de Águeda

Época de construção – Século XIX

Tipologia – Arquitectura civil



¹¹ Albano de Melo Ribeiro Pinto, natural de Águeda, onde nasceu a 19 de Março de 1844 e faleceu no dia 27 de Fevereiro de 1913. Era filho do liberal Capitão Joaquim de Melo Pinto Leitão e de D. Maria Augusta Pereira de Sousa Ribeiro. Foi jornalista, parlamentar e chefe do Partido Progressista, para além de advogado de renome. Formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra em 1872, indo exercer advocacia para a sua terra natal. Não tardou a ser eleito Procurador à Junta Geral do Distrito de Aveiro, pelo Concelho de Oliveira do Bairro Concelho que representa até 1885, ano em que é eleito Vereador pela minoria na Câmara Municipal de Águeda. Em Fevereiro do ano seguinte abandona o cargo para que fora eleito e vai exercer o de Governador Civil de Castelo Branco. Em 1887 é eleito Presidente da Câmara Municipal de Águeda, onde se mantém até 1892. Entre 1897 e 1900 exerce o cargo de Governador Civil de Aveiro, lugar para que é de novo nomeado em 1904. Foi ainda Deputado pelo Partido progressista, Director Geral do Ministério da Justiça e Conselheiro de Estado. Um dos fundadores do Jornal Soberania do Povo foi seu Director, tendo nele colaborado durante 35 anos.

¹² António Homem de Melo foi um notável escritor, conhecido nos meios literários pelo seu pseudónimo “TOY”. Nasceu em Águeda, na Casa do Adro, em 1868, sendo filho do político Dr. Albano de Melo. Formou-se em Direito na Universidade de Coimbra. Exerceu os cargos de Procurador Régio em Braga e de secretário do Tribunal do Comércio no Porto. Os seus romances, as suas peças de teatro e muitos dos seus versos, têm por fundo de paisagem as gentes, sítios e costumes da sua terra natal.



Figuras 74 a 80 – Casa do Adro / Casa do Senhor Conselheiro (18 / C3).

Num quarteirão situado na margem norte do rio Águeda, englobado no Centro Histórico, é possível identificar dois edifícios de arquitectura ecléctica com cantarias em granito ricamente trabalhadas, cuja tipologia e composição das fachadas lhe conferem interesse para o município. Segundo Neves (1997) “Algo estranho é o que acontece em Águeda, onde se podem ver duas casas bem diferenciadas dos parâmetros genericamente definidos da arquitectura arte nova regional, mas que nem por isso se devem deixar de referir, neste contexto. São elas o edifício do actual Banco Pinto e Sotto Maior, na praça junto à ribeira, e a casa da Rua Albano de Melo, n.º 23. Se aquela é, estruturalmente, mais rica que esta, ambas denotam “arquitecto” alheio aos gostos regionais, sem deixarem de ter, por isso menos valor arquitectónico.” Importa, no entanto, referir que a localização dada por Amaro Neves relativamente à segunda edificação não é correcta, já que o troço da via em que esta está implantada tem a designação de Rua Ferraz de Macedo. A adopção de ornamentação arte nova é uma característica com alguma expressão em Águeda, a qual voltará a ser referida noutro contexto.



Imóvel no Largo Dr. João Elísio Sucena

Localização – Freguesia: Águeda, Centro da Cidade

Propriedade – Privada

Época de construção – Final século XIX

Tipologia – Arquitectura civil



Figuras 81 a 84 – Imóvel no Largo Dr. João Elísio Sucena (19 / C4).



Imóvel na Rua Ferraz de Macedo

Localização – Freguesia: Águeda, Centro da Cidade

Propriedade – Privada

Época de construção – Final século XIX, princípio do século XX

Tipologia – Arquitectura civil



Figuras 85 a 88 – Imóvel na Rua Ferraz de Macedo (20 / C5).

Na actual povoação de Assequins, que terá sido concelho medieval de importância considerável, perto da ER230 e frente à Capela de Nossa Senhora da Graça, ergue-se uma casa de dois pisos, edificada no século XIX. A fachada principal é composta, no primeiro andar, por quatro janelas de guilhotina com caixilharia de madeira e, ao centro, uma janela de sacada. No rés-do-chão, aparecem duas janelas, nos extremos, iguais às do andar superior e ao eixo uma porta com cantarias em granito trabalhado. Na fachada poente, para além de repetirem o tipo de vãos utilizados no alçado principal, surge um pormenor relevante, um terraço sobre pilares executado em granito com gradeamento trabalhado em ferro, com acesso através de duas janelas de sacada. A construção é rematada por cornija e beirado saliente, formando na fachada principal, ao centro, uma curvatura acima do nível do beirado onde está cravado um brasão.



Casa em Assequins

Localização – Freguesia: Águeda, Lugar: Assequins

Propriedade – Privada

Época de construção – Século XIX

Tipologia – Arquitectura civil residencial, neoclássica



Figuras 89 a 93 – Casa em Assequins (21 / C6).

Quanto à Ponte do Vouga, também designada por Ponte D. João V, que a mandou reconstruir em 1713, tal como indica a inscrição marcada na pedra que serve de guarda da ponte, esta estabelece ligação entre as Freguesias de Lamas do Vouga e Macinhata do Vouga, separadas pelo Rio Vouga, tal como indicam os topónimos envolventes. A reconstrução do século XVI, segundo Nogueira Gonçalves (1959), era constituída por doze arcos, pertencendo os restantes três à reconstrução setecentista. Os arcos originais, medievais, distinguem-se pelo tipo de aparelho da pedra, nas quais são visíveis as siglas que marcam os diferentes canteiros. No século XX foi executado o alargamento do tabuleiro, suportado por grandes cachorros de betão.



Ponte do Vouga

Localização – Freguesia: Lamas do Vouga / Macinhata do Vouga

Propriedade – Pública: municipal

Época de construção – Século XVI / XVIII

Tipologia – Arquitectura civil de equipamento



Figuras 94 a 97 – Ponte do Vouga (22 / C8).



Passando para Serém de Baixo, ergue-se nesta povoação uma casa, que dizem terá constituído as antigas instalações do Tribunal da então Vila de Serém, cuja importância reside na tipologia, composição da fachada e no interior, onde é possível observar uma janela tipo “namoradeira”, feita em granito e os tectos executados em caixotões (masseira) de madeira policromada. A fachada é simples mas muito interessante. No andar inferior rasgam-se duas portas de verga curva encimadas por duas janelas de avental recortado e verga curva, separadas por mísulas, tudo executado em granito.



Casa em Serém de Baixo

Localização – Freguesia: Macinhata do Vouga, Lugar: Serém de Baixo

Propriedade – Privada

Época de construção – Século XVIII

Tipologia – Arquitectura civil



Figuras 98 a 102 – Casa em Serém de Baixo (23 / D258).

Na zona mais elevada do Concelho (cerca de 767 metros de altitude), a Urgueira, com vistas privilegiadas para os vales dos rios Alcofra e Alfusqueiro, de onde se vislumbra, em dias sem nebulosidade, o mar e a ria de Aveiro, surge uma pequena construção de granito, de planta quadrangular, rematada por cúpula e cruz, que constitui o Forno Comunitário da Urgueira. Este foi construído no século XIX e está associado à Romaria a Nossa Senhora da Guia, que foi reconstituída pela Associação Etnográfica “Os Serranos”, em 1996, e se baseia num acontecimento invulgar - “(...) Um forno comunitário cozia pão para todos os romeiros, depois de um estranho ritual: durante sete dias era aquecido em lenha trazida por sete carros de bois. Um homem entrava no forno com uma flor na boca e caminhava descalço sobre o lar de granito aquecido. Estava então pronto para cozer a broa de milho com mistura de centeio.” (Associação Etnográfica “Os Serranos”).



Forno Comunitário da Urgueira

Localização – Freguesia: Macieira de Alcôba, Lugar: Urgueira

Propriedade – Pública

Época de construção – XIX

Tipologia – Arquitectura civil de equipamento



Figuras 103 a 106 – Forno Comunitário da Urgueira (24 / C9)

Já na povoação de Arrancada, da Freguesia de Valongo do Vouga, encontra-se um conjunto de casas de dois pisos, ladeando a via que vai desde o cruzeiro até à Capela de Nossa Senhora da Conceição, que dado as suas características, relevantes em termos históricos, tipológicos, de composição e materiais empregues nas fachadas, deverão ser preservadas e valorizadas, como conjunto de interesse municipal, isto para que as casas que se encontram em mau estado de conservação (ex: figuras 108 e 109) venham a ser recuperadas, seguindo o exemplo daquelas que hoje estão habitadas e em bom estado (ex: figura 110). No conjunto distinguem-se as casas de tipologia maneirista, construídas no século XVII e XVIII, com cantarias em granito, janelas de avental, vãos rectos com frisos e cornijas salientes e mísulas de granito cravadas entre as janelas. Outras casas, mais recentes que as anteriores, compõem o conjunto, sendo já de estilo ecléctico, recorrendo a decorações revivalistas, de influências renascentistas, arte nova, entre outras.



Conjunto de Casas em Arrancada do Vouga

Localização – Freguesia: Valongo do Vouga, Lugar: Arrancada

Propriedade – Privada

Época de construção – Século XVII / XVIII

Tipologia – Arquitectura civil residencial maneirista



Figuras 107 a 115 – Conjunto de Casas em Arrancada do Vouga (25 a 34 / D276 a D285)

5. IMÓVEIS DE INTERESSE PATRIMONIAL

Dada a reduzida percentagem de imóveis que chegaram a ser classificados ou se encontram em vias de classificação, no período que decorreu desde a publicação do Plano Director Municipal da 1ª geração, optou-se por criar um grupo de todos os bens imóveis de interesse histórico e patrimonial que não se encontrem classificados, cuja salvaguarda e preservação deverá ser assegurada pelo regulamento¹³ do Plano Director Municipal.

Englobam-se nesta categoria, designada por “Imóveis de Valor Patrimonial”, os imóveis que se encontram em estudo por parte do IPPAR até que venham a ser classificados, os elementos patrimoniais propostos a classificação enquanto não adquirem a referida classificação nos termos da lei e os bens culturais que se apresentam nos pontos seguintes referentes ao Espaço Histórico-Cultural, Igrejas Paroquiais, Capelas, Escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico, Estações da Linha do Vale do Vouga, Casas de Guarda Florestal, Revivalismos e Eclectismos, Outros Imóveis de Valor Patrimonial e, por último, os Aglomerados Antigos da Zona Serrana.

¹³Consultar proposta de regulamento do PDM da 2ª geração.



5.1. ESPAÇO HISTÓRICO-CULTURAL

O povoamento de Águeda ter-se-á fixado no então designado Cabeço de Santa Eulália, local onde actualmente se localiza a Igreja Paroquial com orago do mesmo nome, o Cemitério do Adro, a Junta de Freguesia e a Biblioteca Municipal que funcionam no edifício da antiga escola primária.



Figuras 116 e 117 – Vista do Centro Histórico de Águeda – antiga e contemporânea.



Figuras 118 – Antiga ponte demolida.



Figuras 119 – Entrada na Vila.



Figuras 120 – Antiga Praça da República.



Figuras 121 – Antigo Mercado.



Figuras 122 – Antigo Largo 5 de Outubro.



Figuras 123 – Antigo Paços do Concelho.



Figuras 124 – Ponte sobre o Rio Águeda.



Figuras 125 – Noras no Rio Águeda.

Ao longo de séculos, foi-se estabelecendo em anfiteatro até às margens do Rio Águeda. Formou-se, assim, a actual Zona Histórica de Águeda que constitui a ponte de ligação entre a nova centralidade mais a Norte e o Rio Águeda¹⁴. Este, por excelência, é um elemento estruturante e foi um dos principais factores de progresso para a Cidade de Águeda, contribuindo para a fixação da população e de forma decisiva para a organização espacial e paisagística da cidade.

De estrutura viária radial consolidada por séculos de história, tem a ponte sobre o rio como centro de distribuição de tráfego rodoviário. Os percursos pedonais de atravessamento dos quarteirões fazem parte da história de vivências da cidade, encontrando-se esquecidos, sendo, até, talvez desconhecidos da maioria da população. Estes percursos são, actualmente, pouco atractivos face aos espaços existentes mais a Norte. A maioria vence a diferença de cotas entre as Ruas 5 de Outubro e Rua Luís de Camões com as zonas do Parque da Alta Vila e o Largo Dr. António Homem de Melo, através de rampas e escadas.

¹⁴ Ao qual virou costas nos últimos anos, estando agora no início do processo de reconciliação com o mesmo.



Esta área da cidade tem vindo a assumir as problemáticas geradas pelo recente desenvolvimento urbano, tais como, a deslocação da função habitacional para áreas periféricas, a degradação do património habitacional e a desadequação do edificado na conversão a novas funções. A área é basicamente construída pelo núcleo urbano antigo de estrutura viária radial e irregular que se desenvolve a partir de um eixo linear longitudinal, na direcção Norte-Sul, passando pela ponte sobre o Rio Águeda.

Esta estrutura deu origem a vários quarteirões que se consolidaram ao longo dos tempos ficando cada vez mais definidos, mas ainda não totalmente preenchidos. São quarteirões de dimensões muito irregulares e com características físicas muito diferentes, tanto pelo seu relevo, como pela sua estrutura viária diversificada (Vielas, Escadas, Ruas, Avenidas). Este tipo de malha urbana tem vindo a desenvolver-se de uma forma não planeada, construindo-se conforme as necessidades dos proprietários, surgindo, por vezes, descontinuidades tipológicas e funcionais.

No Espaço Histórico-Cultural, destacam-se um conjunto de imóveis que importa preservar de forma a garantir a salvaguarda e valorização da imagem e identidade que estiveram na génese da delimitação do espaço, preservando referências que fazem parte da memória colectiva, do qual se apresenta o registo fotográfico seguinte.



(35)



(36 / D1)



(37 / D2)



(38 / D3)



(39)



(40 / D4)



(41)



(42 / D5)



(43 / D6)



(44 / D7)



(45 / D8)



(46 / D9)



(47 / D10)



(48 / D11)



(49)



(50 / D12)



(51 / D13)



(52 / D14)



(53 / D15)



(54 / D16)



(55 / D17)



(56 / D18)



(57 / D19)



(58 / D20)



(59 / D21)



(60 / D22)



(61 / D23)



(62 / D24)



(63 / D25)



(64 / D26)



(65 / D27)



(66 / D28)



(67 / D29)



(68 / D30)



(69 / D31)



(70 / D32)



(71)



(72 / D33)



(73)



(74)



(75)



(76 / D34)



(77 / D35)



(78 / D36)



(79 / D37)



(80 / D38)



(81 / D39)



(82)



(83 / D40)



(84)



(85)



(86 / D41)



(87 / D42)



(88 / D43)



(89 / D44)



(90)



(91 / D45)



(92 / D46)



(93 / D47)



(94 / D48)



(95 / D49)



(96 / D50)



(97)



(98 / D51)



(99 / D52)



(100 / D53)



(101 / D54)



(102 / D55)



(103 / D56)



(104 / D57)



(105 / D58)



(106 / D59)



(107 / D60)



(108 / D61)



(109 / D62)



(110 / D63)



(111 / D64)



(112 / D65)



(113 e 114 / D66 e D67)



(115 / D68)



(116 / D69)



(117 / D70)



(118 / D71)



(119 / D72)



(120)



(121)



(122)



(123 / D73)



(124 / D74)



(125 / D75)



(126 / D76)



(127 / D77)



(128 / D78)

Figuras 126 a 218 – Imóveis de Interesse Patrimonial do Espaço Histórico-Cultural.



5.2. IGREJAS PAROQUIAIS



Figura 219 – Igreja Paroquial S. Martinho
Freguesia: Aguada de Baixo (129 / D79).

No local onde actualmente se localiza a Igreja Paroquial de São Martinho, pertencente à Freguesia de Aguada de Baixo, existia uma capela dedicada a Santo Amaro que foi ampliada para os fins a que hoje se destina. A igreja é constituída por frontaria revestida a azulejo, erguendo-se à esquerda a torre que alberga o baptistério na zona inferior. A porta principal pertence à segunda metade do século XVIII e, cravado mais acima, encontra-se um nicho que alberga escultura de São Martinho do século XV.



Figura 220 – Igreja Paroquial S. Eulália
Freguesia: Aguada de Cima (130 / D80).

A Igreja Paroquial de Aguada de Cima, dedicada a Santa Eulália, foi reconstruída no princípio do século XVIII, tendo sido alvo de obras de substituição de tectos e pavimentos, incluído a ligeira elevação das paredes laterais, no decorrer do século XX. As cantarias são de calcário e a torre é coberta por pirâmide octogonal, observando-se gárgulas cilíndricas nos cantos da cimalha. No interior, importa realçar a existência de três retábulos em talha dourada datados do século XVIII, um excepcional púlpito em calcário ançanense do mesmo século, bem como, a escultura da Virgem e o Menino de calcário e de oficina coimbrã, da primeira metade do século XV, entre outras, como a de Santa Luzia (século XV), Santa Eufémia e Trindade (ambas do século XVIII).



Figura 221 – Igreja Paroquial S. Eulália
Freguesia: Águeda (131 / D81).

Localizada no Cabeço de Santa Eulália, local que provavelmente deu origem ao povoamento, encontra-se a Igreja Paroquial do mesmo orago, que sofreu largas obras de modernização, no final do século XIX, custeadas pelos Condes de Sucena. A nave da igreja e as capelas laterais pertencem ao princípio do século XVII, ao passo que a frontaria e a capela-mor foram reconstruídas no século XVIII. O vão da porta principal é ladeado por pilastras toscanas, encimado por entablamento e frontão interrompido. Acima deste existe um óculo quadrilobado e ao nível do coro alto duas janelas



rectangulares com frontão curvo. Ergue-se à direita a torre sineira. No interior pode-se destacar um retábulo de calcário, da última fase da renascença coimbrã, datando da segunda metade do século XVI, bem como a pia baptismal, cuja taça é gótica e pertence ao início do século XVI.



Figura 222 – Igreja Paroquial de S. André
Freguesia: Barrô (132 / D82).

A Igreja Paroquial de Santo André (Freguesia de Barrô) terá tido a principal reforma no final do século XVII, tendo sido alvo de outras posteriores mas de menor dimensão. A torre sineira ergue-se à direita da frontaria, rasgando-se ao eixo da última a porta principal encimada por óculo. As fachadas são rebocadas e pintadas de branco. Da construção destaca-se a capela-mor, que contém retábulo de madeira dourada, do fim do século XVII.



Figura 223 – Igreja Paroquial de N.ª
Sr.ª de La Salette
Freguesia: Borralha
(133 / D83).

Quanto à Igreja Paroquial de Nossa Senhora de La Salette, esta data da segunda metade do século XX (1964-1965), localizando-se numa zona elevada da Freguesia da Borralha, junto a um largo onde estão concentrados vários outros equipamentos, designadamente, a Junta de Freguesia e a extensão de saúde, entre outros. É constituída por nave e capela-mor, ligeiramente mais baixa e estreita, tendo adossada à fachada nascente a torre sineira, a sacristia e capela lateral dedicada a Nossa Senhora de Fátima. Desta última, importa realçar o retábulo executado em madeira de estrutura e decoração neo-barroca.



Figura 224 – Igreja Paroquial S. Mamede
Freguesia: Castanheira do Vouga
(134 / D84).

Já na Freguesia de Castanheira do Vouga, ergue-se a Igreja Paroquial dedicada a São Mamede que foi reconstruída no século XVIII, como indica o ano gravado na porta (1758). Exterioamente foi empregue o granito nas cantarias, sendo os cunhais tratados em forma de pilastras toscanas, bem como as ombreiras da porta principal, que é definida em vão de arco abatido, rematado por friso e cornija contracurvada, encontrando-se ainda a torre à esquerda da frontaria. No interior é definida por nave de planta longitudinal e capela-mor, com sacristia e arrecadações laterais, contabilizando-se cinco retábulos em madeira entalhada, dourada e policromada de marmoreados.



Figura 225 – Igreja Paroquial de N.ª Sr.ª da Assunção
Freguesia: Espinhel
(135 / D85).

A reforma geral da Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Assunção (pertencente à Freguesia de Espinhel) data de final do século XVII, enquanto que a frontaria e a torre datam já da primeira metade do século XVIII. Na frontaria existe um nicho por cima da porta principal que alberga escultura da Senhora da Conceição, ambos em calcário. A partir dos ângulos da cimalha que remata a torre, nascem gárgulas cilíndricas. Interiormente é definida por planta longitudinal composta por três naves, sendo as laterais mais baixas, por capela-mor igualmente mais baixa e estreita, capelas colaterais e sacristia.



Figura 226 – Igreja Paroquial de S. André
Freguesia: Fermentelos (136 / D86).

Já na Freguesia de Fermentelos, encontra-se a Igreja Paroquial de Santo André que provém de reconstrução do século XX e apresenta pomenor distinto de todas as outras igrejas do Concelho, ou seja, a torre está localizada ao eixo da frontaria interrompendo a frontão que remata esta última. Rasgam-se três portas de arco de volta perfeita no andar inferior e três janelas rectangulares no andar de cima. Os retábulos pertenciam a outras igrejas e, segundo dizem, o principal terá vindo da região de Lisboa, sendo uma composição da segunda metade do século XVIII.



Figura 227 – Igreja Paroquial Santa Maria
Freguesia: Lamas do Vouga (137 / D87).

Continuando, na Freguesia de Lamas do Vouga, ergue-se a Igreja Paroquial dedicada a Nossa Senhora da Conceição que fica localizada numa zona elevada, junto ao cemitério da povoação, com vistas privilegiadas para o Rio Marnel e as suas várzeas. A edificação pertence à segunda metade do século XIX, com torre à esquerda da frontaria, ambas revestidas a azulejos, ficando a porta principal ao centro da última, encimada por óculo quadrilobado e duas janelas laterais. É de referir que uma lápide pertencente à igreja antiga, que provavelmente ficaria localizada na margem sul do Rio Marnel, encontra-se cravada na sacristia da actual, fazendo a inscrição referência a uma reedificação do século XII.



Figura 228 – Igreja Paroquial S. Martinho
Freguesia: Macieira de Alcôba (138 / D88).

Já a Igreja Paroquial de Macieira de Alcôba, cujo orago é São Martinho, situa-se num largo, também esta junto ao cemitério, no centro do aglomerado. Foi construída em blocos de granito, à semelhança da maioria das edificações da povoação. Data de finais do século XIX a reforma a que foi sujeita. Todavia persistem algumas paredes da igreja anterior, que seria de finais do século XVII, princípios do seguinte. A frontaria e a torre encostada à direita fazem já parte dessa remodelação. Um pormenor curioso consiste numa grande pedra de granito colocada na fachada posterior que, segundo Gonçalves (1959), é “ datada de 1898, na qual se coloca o pão que se distribui a seguir aos funerais.”



Figura 229 – Igreja Paroquial S. Cristóvão
Freguesia: Macinhata do Vouga (139 / D89).

No que respeita à Igreja Paroquial de São Cristóvão (Freguesia de Macinhata do Vouga), esta foi reconstruída em meados do século XIX, sendo alvo de intervenções subsequentes, uma das quais consistiu na sobrelevação de mais um andar da torre que se encosta à direita da frontaria, já no século XX. No interior, os três retábulos, principal e colaterais, são do tipo setecentista final. “Peça de merecimento é a custódia de prata dourada, da primeira metade do século XVII. Pertence ao tipo de templete, havendo duas colunas jónicas por lado, cúpula, hostiário ligeiramente ovalado e ornato só de quatro motivos curvilíneos e salientes, nó cilíndrico e com ligeiras aletas, pé maciço e sóbria decoração geral.”



Figura 230 – Igreja Paroquial de S. Adrião
Freguesia: Óis da Ribeira (140 / D90).

Do titular Santo Adrião, a Igreja Paroquial de Óis da Ribeira foi profundamente renovada no século XIX. Porém manteve algum carácter seiscentista, dado o reemprego das cantarias antigas de grês regional. Adossada à esquerda da frontaria encontra-se a torre, ficando ao eixo da primeira conjunto de porta, com nicho superior e cruz, tudo executado em calcário. No interior o retábulo data de final do século XVII e é também de calcário.



Figura 231 – Igreja Paroquial de S. Tiago
Freguesia: Préstimo (141 / D91).

Pertencente à Freguesia do Préstimo, surge a Igreja Paroquial de São Tiago, com frente virada para o cemitério, que devido à pouca distância deixada entre os dois, não permite ter a percepção da frontaria na globalidade. A igreja deverá pertencer ao fim do século XVII, mas não a torre que é de época posterior. As paredes são pintadas e rebocadas de branco e as cantarias executadas em granito. Estas envolvem a porta principal (localizada ao eixo da frontaria), as janelas e os cunhais. Interiormente a nave apresenta um tecto em caixotões e quatro retábulos.



Figura 232 – Igreja Paroquial de S. Miguel
Freguesia: Recardães (142 / D92).

Relativamente à Igreja Paroquial de São Miguel, situada na Freguesia de Recardães, a sua reconstrução está datada do início do século. Constituída por nave e capela-mor rectangulares, apresenta pormenor pouco comum, a torre, que é triangular e erguida na parte posterior à frontaria. Nesta rasga-se a porta principal ao centro, ladeada por janelas rectangulares e encimada por nicho que alberga a estátua de São Miguel do século XV, sendo os cunhais em forma de pilastra toscana e o remate da fachada em forma curvilínea apontando para a cruz axial. O tecto da nave forma abóbada semicircular revestida de madeira.



Figura 233 – Igreja Paroquial de S. Pedro
Freguesia: Segadães (143 / D93).

Quanto à Freguesia de Segadães, esta apresenta duas igrejas, a antiga e a de construção recente, localizadas em terreiro frente a frente, junto ao cemitério. No âmbito deste estudo importa falar da antiga que é dedicada a São Pedro e obviamente se encontra em mau estado de conservação. Segundo Gonçalves (1959), a reforma geral ou reconstrução deve datar do século XVIII. A torre, que foi sobrelevada de mais um andar, ergue-se à esquerda da frontaria, na qual se abre a porta principal recta e logo acima janela e nicho. No interior, o retábulo principal de madeira pertence ao século XIX e os colaterais ao arco são do século XVII.



Figura 234 – Igreja Paroquial de S. Miguel
Freguesia: Travassô (144 / D94).

No que diz respeito à Igreja Paroquial de São Miguel (Freguesia de Travassô), a edificação deverá datar, no cômputo geral, da segunda metade do século XVIII, sendo o arco cruzeiro mais antigo, de meados do século XVI. Subsequentemente a igreja terá sido alvo de diversas reformas, como a execução das capelas nos flancos, renovação de pavimentos e tectos e construção de retábulos de madeira. A torre localiza-se à direita da frontaria, na qual, ao centro, se rasga a porta principal encimada por vão.



Figura 235 – Igreja Paroquial de S. Pedro
Freguesia: Valongo do Vouga (145 / D95).

Por fim, na Freguesia de Valongo do Vouga, ergue-se a Igreja Paroquial de São Pedro, que é produto de uma reconstrução efectuada na transição dos séculos XVII e XVIII, e subsequente reforma, subsidiada pela família Sousa Baptista, entre 1930 e 1935. Esta localiza-se junto ao cemitério com jardim envolvente, sendo constituída por frontaria e torre adossada à direita, com paredes rebocadas e pintadas de branco e cantarias de granito. À esquerda da porta principal conserva-se uma cruz de granito que pertencia a uma antiga via-sacra. De realçar, no interior, a pia baptismal, que é notável trabalho da época manuelina, executado em calcário, do século XVI.

5.3. CAPELAS

Desde tempos remotos que o Homem teve necessidade de materializar as suas crenças e religiosidade criando locais de culto. Por isso, muitos são os exemplos de pequenas capelas que chegaram até aos nossos dias e que encerram tesouros de importante valor histórico, patrimonial e cultural. Edificadas como pagamento de promessas, ou para servirem de abrigo a campas, túmulos, ou de locais de celebração, encontram-se disseminadas um pouco por todo o território concelhio. Seguidamente, apresenta-se o registo fotográfico das mais relevantes, não se efectuando a sua descrição já que tal tornaria demasiado “pesado” este trabalho.



Capela de Santo André no Bertufo
Freguesia: Agadão
(146 / D97)



Capela do Menino Jesus no Caselho
Freguesia: Agadão
(147 / D98)



Capela N.ª Sr.ª da Paz na Sobreira
Freguesia: Agadão
(148 / D99)



Capela N.ª Sr.ª da Penha em Vila Mendo
Freguesia: Agadão
(149 / D100)



Capela de São Roque em Aguada de Cima
Freguesia: Aguada de Cima
(150 / D101)



Capela de São João no Bustelo
Freguesia: Aguada de Cima
(151 / D102)



Capela de São Martinho
Freguesia: Aguada de Cima
(152 / D103)



Capela da Rainha Santa em Vale Grande
Freguesia: Aguada de Cima
(153 / D104)



Capela de São Pedro
Freguesia: Águeda
(154 / D105)



Capela de São Sebastião
Freguesia: Águeda
(155 / D106)



Capela N.ª Sr.ª do Bom Parto em Alhandra
Freguesia: Águeda
(156 / D107)



Capela de São João em Ameal
Freguesia: Águeda
(157 / D108)



Capela de São Geraldo em Bolfiar
Freguesia: Águeda
(158 / D109)



Capela de Santo António na Giesteira
Freguesia: Águeda
(159 / D110)



Capela Senhor da Serra no Raivo
Freguesia: Águeda
(160 / D111)



Capela das Almas no Raivo
Freguesia: Águeda
(161 / D112)



Capela N.ª Sr.ª da Conceição em Rio Covo
Freguesia: Águeda
(162 / D113)



Capela de N.ª Sr.ª da Guia no Sardão
Freguesia: Águeda
(163 / D114)



Capela de Santo António em Barrô
Freguesia: Barrô
(164 / D115)



Capela de São Miguel em Carqueijo
Freguesia: Barrô
(165 / D116)



Capela da Corsa na Póvoa de São Domingos
Freguesia: Belazaima do Chão
(166 / D117)



Cap. Sr.ª das Preces na Póvoa de Vale de Trigo
Freguesia: Belazaima do Chão
(167 / D118)



Capela de São Pedro na Borralha
Freguesia: Borralha
(168 / D119)



Capela de São Tiago na Borralha
Freguesia: Borralha
(169 / D120)



Capela N.ª Sr.ª das Candeias na Borralha
Freguesia: Borralha
(170 / D121)



Capela do Espírito Santo
Freguesia: Castanheira do Vouga
(171 / D122)



Capela de S. João Baptista em Massadas
Freguesia: Castanheira do Vouga
(172 / D123)



Capela de São Gonçalo na Redonda
Freguesia: Castanheira do Vouga
(173 / D124)



Capela em Serra de Baixo - Castanheira
Freguesia: Castanheira do Vouga
(174 / D125)



Capela N.ª Sr.ª Conceição em Casal d'Álvaro
Freguesia: Espinhel
(175 / D126)



Capela Velha de São Pedro em Paradela
Freguesia: Espinhel
(176 / D127)



Capela de São José no Casainho de Baixo
Freguesia: Espinhel
(177 / D128)



Capela do Espírito Santo
Freguesia: Lamas do Vouga
(178 / D129)



Capela de São Lourenço em Pedações
Freguesia: Lamas do Vouga
(179 / D130)



Capela de Santo André em Vila Verde
Freguesia: Lamas do Vouga
(180 / D131)



Capela de N.ª Sr.ª de Fátima
Freguesia: Macieira de Alcôba
(181 / D132)



Capela no Carvalho
Freguesia: Macieira de Alcôba
(182 / D133)



Capela de São Domingos na Urgueira
Freguesia: Macieira de Alcôba
(183 / D134)



Capela da Senhora da Guia na Urgueira
Freguesia: Macieira de Alcôba
(184 / D135)



Capela de São Braz na Alombada
Freguesia: Macinhata do Vouga
(185 / D136)



Capela de N.ª Sr.ª da Paz no Beco
Freguesia: Macinhata do Vouga
(186 / D137)



Capela de São Silvestre no Carvoeiro
Freguesia: Macinhata do Vouga
(187 / D138)



Capela da Sr.ª da Aflição em Jafafe de Baixo
Freguesia: Macinhata do Vouga
(188 / D139)



Capela de São Sebastião na Mesa
Freguesia: Macinhata do Vouga
(189 / D140)



Capela de Santa Apolónia na Moita
Freguesia: Macinhata do Vouga
(190 / D141)



Capela de Santa Cristina em Serém de Baixo
Freguesia: Macinhata do Vouga
(191 / D142)



Convento de Santo António em Serém
Freguesia: Macinhata do Vouga
(192)



Igreja de Santo António em Serém
Freguesia: Macinhata do Vouga
(193 / D96)



Capela de Santo Antão no Soutelo
Freguesia: Macinhata do Vouga
(194 / D143)



Capela de Santo António
Freguesia: Óis da Ribeira
(195 / D144)



Capela de N.ª Sr.ª das Neves - Á-dos-Ferreiros
Freguesia: Préstimo
(196 / D145)



Capela de São Tomé em Lourizela
Freguesia: Préstimo
(197 / D146)



Capela da Sr.ª dos Milagres em Semadinha
Freguesia: Préstimo
(198 / D147)



Capela de São Jorge no Crasto
Freguesia: Recardães
(199 / D148)



Capela de São Romão em São Romão
Freguesia: Recardães
(200 / D149)



Capela de N.ª Sr.ª das Febres na Fontinha
Freguesia: Segadães
(201 / D150)



Capela de N.ª Sr.ª do Amparo
Freguesia: Travassô
(202 / D151)



Capela de São Caetano em Almeir
Freguesia: Travassô
(203 / D152)



Capela de Santa Luzia em Almeir
Freguesia: Travassô
(204 / D153)



Capela do Areiro
Freguesia: Travassô
(205 / D154)



Capela N.ª Sr.ª dos Milagres em Cabanões
Freguesia: Travassô
(206 / D155)



Capela de N.ª Sr.ª da Piedade
Freguesia: Trofa
(207 / D156)



Capela de São Sebastião
Freguesia: Trofa
(208 / D157)



Capela Mortuária
Freguesia: Trofa
(209 / D158)



Igreja de S. Inácio na Mourisca do Vouga
Freguesia: Trofa
(210 / D159)



Capela na Aguieira
Freguesia: Valongo do Vouga
(211 / D160)



Capela de N.ª Sr.ª da Conceição - Arrancada
Freguesia: Valongo do Vouga
(212 / D161)



Capela de Santo António na Arrancada
Freguesia: Valongo do Vouga
(213 / D162)



Capela de Santo Estêvão no Brunhido
Freguesia: Valongo do Vouga
(214 / D163)



Capela de Santa Ana – Moutedo
Freguesia: Valongo do Vouga
(215 / D164)

Figuras 236 a 305 – Capelas.



5.4. ESCOLAS DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

A arquitectura do Estado Novo é um marco incontornável da história da arquitectura portuguesa do século XX. O chamado Estado Novo foi criado, através da Constituição de 1933, pelo Professor Doutor António Oliveira Salazar, repercutindo-se em termos arquitectónicos na execução de grandes obras públicas e construção de diversas redes de equipamentos.

Ao nível dos equipamentos de educação, pôs-se fim aos projectos pontuais realizados pelos arquitectos da DGEMN¹⁵, para se dar início à criação de projectos-tipo que permitissem construir, com rapidez e economia, o maior número de edifícios possível. A liberdade de expressão artística e de inovação foi substituída por um conjunto de normas e regras que os arquitectos tinham que seguir. Para o efeito, foram contratados os Arquitectos Raul Lino e Rogério de Azevedo, responsáveis pela execução dos projectos-tipo regionalizados. As escolas foram uniformizadas por região, utilizando materiais próprios desta, obedecendo aos critérios pedagógicos e higienistas da época.

No território concelhio existem vários exemplos deste tipo de escolas, algumas já desactivadas, as quais deverão ser reconvertidas a novas funções, sem todavia por em causa as características arquitectónicas que estiveram na base da sua execução, uma vez que são edifícios de elevado valor histórico, cultural e arquitectónico.



EB1 Lomba – Agadão
(216 / D165)



EB1 Aguada de Baixo
(217 / D166)



EB1 Aguada de Cima
(218 / D167)

¹⁵ Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais



EB1 Bustelo - Aguada de Cima
(Desactivada)
(219 / D168)



EB1 São Martinho - Aguada de Cima
(220 / D169)



EB1 Bolfiar - Águeda
(Desactivada)
(221 / D170)



EB1 Barrô
(222 / D171)



EB1 Carril - Barrô
(223 / D172)



EB1 Belazaima do Chão
(224 / D173)



EB1 Borralha
(225 / D174)



EB1 Avelal de Baixo - Castanheira do Vouga
(Desactivada)
(226 / D175)



EB1 Casal d'Álvaro - Espinhel
(227 / D176)



EB1 de Oronhe - Espinhel
(228)



EB1 Piedade - Espinhel
(229 / D177)



EB1 Prof. Américo Urbano - Fermentelos
(230 / D178)



EB1 Prof. João Pires da Rosa – Fermentelos
(231 / D179)



EB1 Pedações – Lamas do Vouga
(232 / D180)



EB1 Macieira de Alcôba – Desactivada
(233 / D181)



EB1 Chãs – Macinhata do Vouga
(234 / D182)



EB1 Serém de Cima – Macinhata do Vouga
(235 / D183)



EB1 Semada do Vouga – Macinhata Vouga
(236 / D184)



EB1 Óis da Ribeira
(237 / D185)



EB1 Á-dos-Ferreiros - Préstimo
(238 / D186)



EB1 Cabeço de Cão - Préstimo
(Desactivada)
(239 / D187)



EB1 Préstimo
(Desactivada)
(240 / D188)



EB1 Segadães
(241 / D189)



EB1 Travassô
(242 / D190)



EB1 da Mourisca do Vouga – Trofa
(243 / D191)



EB1 do Salgueiro – Valongo do Vouga
(244 / D192)

Figuras 306 a 334 – Escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico.

5.5. ESTAÇÕES DA LINHA DO VALE DO VOUGA

Remonta ao princípio do século XX a execução da Linha do Vale do Vouga, tendo sido inaugurado o troço que atravessa o território concelhio em 1911. Foram-se erguendo ao longo do século as estações que hoje marcam a História do desenvolvimento e progresso de Águeda apoiado nesta importante infra-estrutura de transporte, de ligação supra-concelhia. Importa, assim, prever a salvaguarda destes equipamentos de interesse histórico e patrimonial, já que são um registo vivo de uma época de projecção para o Município.



Estação CP Macinhata do Vouga
(245 / D193)



Estação CP Semada do Vouga
(246 / D194)



Edifício junto Estação CP Semada do Vouga
(247 / D195)



Estação CP de Águeda
(248 / D196)



Estação CP Mourisca do Vouga
(249 / D197)

Figuras 335 a 339 – Estações da Linha do Vale do Vouga.



5.6. CASAS DE GUARDA FLORESTAL

Os Guardas Florestais foram a face visível da organização e gestão florestal que ocorreu em meados do século passado. Para apoio a esta actividade, foram construídas diversas casas de guarda (muitas vezes designadas por casas florestais), que pontuavam (e pontuam) as áreas florestais nacionais, das quais Águeda não é excepção. Encontram-se em locais de difícil acesso, sem electricidade e a maioria sem água canalizada.

Ocupando um lugar preponderante na história da floresta do país, e do Concelho, estas "colocaram no mapa" muitas povoações que sempre tinham permanecido no mais completo isolamento, através dos estradões que construíram, das casas dos guardas disseminadas por diversos locais, dos telefones rudimentares que ligavam essas casas aos serviços regionais e centrais.

Pontuadas pela zona nascente, estrategicamente posicionadas, contabilizam-se cinco no Concelho e distribuem-se pelas Freguesias de Macinhata do Vouga e do Préstimo, onde se encontram quase que votadas ao abandono, sendo evidente, em alguns casos, a necessidade de intervenção.

De projecto idêntico, com ligeiras adaptações caso a caso, de construção simples que caracteriza todas as casas florestais, estas são constituídas por um piso, com implantação em forma de "L", de cobertura em telha cerâmica, com paredes rebocadas e pintadas de branco, sobressaindo os vãos rectos com cantarias em granito e caixilharia de madeira.

As Casas de Guarda Florestal são um património demasiado importante na história e na memória das gentes, pelo que está a ser equacionado o aproveitamento e recuperação destas casas para fins turísticos¹⁶.

¹⁶Consultar Estudo do Turismo no Concelho.



Figuras 340 a 342 – Casa de Guarda Florestal na Moita - Macinhata do Vouga (250 / D198).



Figuras 343 a 345 – Casa de Guarda Florestal na Chousinha – Préstimo (251 / D199).



Figuras 346 a 348 – Casa de Guarda Florestal na Barrosa – Préstimo (252 / D200).



Figuras 349 a 351 – Casa de Guarda Florestal no Carvalho – Préstimo (253 / D201).



Figuras 352 a 354 – Casa de Guarda Florestal no Cabeço do Cão – Préstimo (254 / D202).

5.7. REVIVALISMO E ECLECTISMO: O EXEMPLO DAS CASAS DE BRASILEIRO

O período que decorre entre finais do século XIX e princípios do século XX é marcado, em Portugal, por fortes influências revivalistas, com maior incidência para as épocas que tiveram maior preponderância para a nação, muitas vezes derivada de alguma desconfiança relativamente às novidades estruturais como a arquitectura do ferro, por exemplo. Assiste-se, igualmente, também a uma tendência para o eclectismo, motivada pela ausência de rigor na caracterização dos estilos do passado, Águeda não é excepção. Não sendo o Concelho muito rico em exemplos de arquitectura residencial de épocas anteriores, este tipo de arquitectura ecléctica surge como bastante marcante.

Alguns dos palacetes ou solares que se enquadram neste tipo de arquitectura já foram abordados em pontos anteriores ou por estarem classificados, como é o caso do Parque de Alta Vila, por se encontrarem em vias de classificação, situação em que se insere a “Casa da Borralha, Capela e Jardim Envolvente”, por estarem em estudo por parte do IPPAR como a “Palácio do Conde Sucena”, ou ainda por estarem abrangidos no Espaço Histórico-Cultural como, por exemplo, o Fórum da Juventude.

Importa, contudo, ainda mencionar um tipo mais específico de construções, que diz respeito aos edifícios habitualmente designados por “Casas de Brasileiro”. Surgem como edificações executadas essencialmente no período compreendido entre finais do século XIX e a primeira metade do século XX, mandadas construir por antigos emigrantes na América do Sul, em particular no Brasil. Estas casas evidenciam uma arquitectura eclética, muitas vezes recorrendo à utilização de azulejos no revestimento das fachadas e elementos decorativos, por vezes, de inspiração ou com referências Arte Nova ou Art Deco, como, por exemplo, grades executadas na generalidade em ferro forjado ricamente trabalhado.



Nestas edificações, com alguma envergadura, é possível muitas vezes identificar um elemento mais elevado que se destaca da construção, tipo torre ou mirante ou mesmo uma escadaria com alguma imponência. Os jardins anexos a estas casas são geralmente constituídos por espécies exóticas, entre elas palmeiras, rododendros, japoneiras, agapandos, identificando-se por vezes pequenos lagos com formações rochosas. No território concelhio identificam-se vários exemplos de imóveis com as características mencionadas, dos quais se apresenta o registo fotográfico seguinte.



Casa em Aguada de Cima
Rua da Azenha
(255 / D203)



Casa em Aguada de Cima
Praça Santa Eulália
(256 / D204)



Casa em Aguada de Cima
Rua do Outeiro
(257)



Hospital Asylo Conde de Sucena
Rua Santa Casa da Misericórdia
(258 / D205)



Casa no Centro da Cidade – Águeda
Avenida Dr. Joaquim de Mello
(259 / D206)



Casa no Centro da Cidade – Águeda
Rua Santa Casa da Misericórdia
(260)



Casa no Centro da Cidade – Águeda
Avenida 25 de Abril
(261 / D207)



Casa no Centro da Cidade – Águeda
Avenida 25 de Abril
(262 / D208)



Casa Paulicea em Águeda
Avenida 25 de Abril
(263)



Casa no Sardão – Águeda
Rua Miguel de Almeida e Silva
(264 / D209)



Casa no Sardão - Águeda
Rua Miguel de Almeida e Silva
(265 / D210)



Casa de Repouso Dr. António Breda - Barrô
Rua do Outeiro
(266 / D211)



Casa do Redolho na Borralha
Rua Dr. Carvalho e Silva
(267 / D212)



Casa na Borralha
Rua Dr. Carvalho e Silva
(268 / D213)



Casa na Borralha
Rua Comandante Pinho e Freitas
(269 / D214)



Casa em Barrô
Rua Dr. Mateus Pereira Pinto
(270 / D215)



Casa em Espinhel
-
(271 / D216)



Casa em Espinhel
-
(272 / D217)



Casa em Lamas do Vouga
Ex Estrada Nacional n.º 1
(273)



Casa em Lamas do Vouga
Viela do Farroco
(274 / D218)



Casa em Macinhata do Vouga
Rua Nossa Senhora da Piedade
(275)



Casa em Macinhata do Vouga
Rua Manuel Marques
(276 / D219)



Casa em Macinhata do Vouga
Rua Dr. Silva Pinto
(277 / D220)



Casas em Óis da Ribeira
Rua Benjamim Soares de Freitas
(278 e 279 / D221 e D222)



Casa no Crasto de São Jorge – Recardães
Largo do Cruzeiro
(280 / D223)



Quinta do Ferrão – Recardães
Travessa da Quinta do Ferrão
(281 / D224)



Pombal Quinta do Ferrão – Recardães
(282 / D225)



Casa na Fontinha – Segadães
Rua Professor Fernando Bessa
(283 / D226)



Casa na Fontinha - Segadães
Rua Professor Fernando Bessa
(284 / D227)



Casa em Travassô
Rua Padre Camelo
(285 / D228)



Casa em Travassô
Rua Correia Miranda
(286 / D229)



Quinta do Dr. Tavares em Travassô
Rua P. J. Tavares
(287 / D230)



Casa em Travassô
Rua João Baptista
(288 / D231)



Casa em Travassô
Rua João Baptista
(289 / D232)



Casa em Travassô
Rua João Baptista
(290 / D233)



Casa na Trofa
Rua Carlos Barbeiro
(291 / D234)



Casa na Trofa
Rua Dom Duarte de Lemos
(292 / D235)



Casa na Trofa
Rua D.ª Margarida Coelho
(293 / D236)



Casa na Trofa
Rua César Barata
(294)



Casa do Eng.º Pato Mourisca do Vouga, Trofa
Rua 25 de Abril
(295 / D237)



Museu Etnográfico da Região do Vouga - Trofa
Rua da Liberdade
(296 / D238)



Casa na Mourisca do Vouga – Trofa
Rua da Liberdade
(297 / D239)



Casa na Mourisca do Vouga – Trofa
Rua 25 de Abril
(298 / D240)



Casa na Mourisca do Vouga – Trofa
Largo Sebastião Saraiva de Lima
(299 / D241)



Casa na Mourisca do Vouga – Trofa
Rua da Liberdade
(300 / D242)



Casa na Mourisca do Vouga – Trofa
Rua da Liberdade
(301 / D243)



Casa na Mourisca do Vouga – Trofa
Rua da Liberdade
(302 / D244)



Casa em Valongo do Vouga
Praça de São Pedro
(303 / D245)



Quinta da Póvoa - Valongo do Vouga
Rua do Espírito Santo
(304 / D246)



Casa no Salgueiro – Valongo do Vouga
-
(305 / D247)

Figuras 355 a 405 – Casas Revivalistas e Ecléticas.

5.8. OUTROS IMÓVEIS DE VALOR PATRIMONIAL

Para além dos imóveis referidos até aqui, existem outros edifícios de arquitectura maneirista ou de cariz popular que, dado as suas características tipológicas, de composição ou dos materiais empregues na execução das fachadas, surgem como referências nas povoações em que se inserem, razão pela qual deverão ser preservados, como forma de manter viva a “memória dos locais”, dos quais se destacam os listados de seguida.



Casa em Vilamendo – Agadão
Rua de Vilamendo de Baixo
(306 / D248)



Casa em Vilamendo – Agadão
Rua de Vilamendo de Cima
(307 / D249)



Casa em Aguada de Cima
Rua do Outeiro
(308 / D250)



Casa em Aguada de Cima
Rua da Vila
(309 / D251)



Casa em Barrô
Rua Professor Aníbal "O Mestre"
(310 / D252)



Casa em Pedações – Lamas do Vouga
Rua Dr. Sousa Baptista
(311 / D253)



Casa em Pedações – Lamas do Vouga
Rua Dr. Juíz José Marques Vidal
(312 / D254)



Casa em Pedações – Lamas do Vouga
Rua Dr. Juíz José Marques Vidal
(313)



Junta de Freguesia de Macieira de Alcôba
Rua Principal
(314 / D255)



Casa em Macinhata do Vouga
Rua de São João
(315 / D256)



Casa com Brasão na Mesa
-
(316)



Casa na Mesa – Macinhata do Vouga
-
(317 / D257)



Casa junto Estação CP - Sernada do Vouga
Largo das Oficinas
(318)



Casa em Á-dos-Ferreiros – Préstimo
Rua Padre José Arlindo Oliveira
(319 / D259)



Casa em Á-dos-Ferreiros – Préstimo
Rua Padre Manuel Ferreira da Costa
(320 / D260)



Casa na Fontinha – Segadães
Rua Professor Fernando Bessa
(321 / D261)



Casa na Fontinha – Segadães
Rua Professor Fernando Bessa
(322 / D262)



Casa em Travassô
Rua João Baptista
(323 / D263)



Casa em Travassô
Rua João Baptista
(324 / D264)



Casa em Travassô
Rua Correia Miranda
(325 / D265)



Casa na Trofa
Rua da Figueira
(326 / D266)



Casa na Mourisca do Vouga – Trofa
Rua da Liberdade
(327 / D267)



Casa em Valongo do Vouga
Rua dos Talhos
(328 / D268)



Casa na Agueira – Valongo do Vouga
Rua das Figuras Populares
(329 / D269)



Casa na Agueira – Valongo do Vouga
Rua do Casal
(330 / D270)



Casa no Brunhido – Valongo do Vouga
Rua da Recebedoria
(331 / D271)



Casa no Brunhido – Valongo do Vouga
Rua de Santo Estevão
(332 / D272)



Casa no Brunhido – Valongo do Vouga
Rua Largo do Pelourinho
(333 / D273)



Casa Póvoa do Espírito Santo – V.Vouga
Rua Ponte do Marnel
(334 / D274)



Casa no Sobreiro – Valongo do Vouga
Largo Nossa Senhora das Necessidades
(335 / D275)

Figuras 406 a 435 – Outros Imóveis de Valor Patrimonial.

Em conclusão, efectuada uma análise mais aprofundada de todos os imóveis anteriormente listados, e atendendo ao horizonte do plano, optou-se por integrar na Planta de Ordenamento – Património e no Regulamento apenas os imóveis para os quais se considera viável a sua salvaguarda.

5.9. AGLOMERADOS ANTIGOS DA ZONA SERRANA

Nas freguesias situadas mais para o interior do Concelho surgem núcleos bastante rurais, de dimensão considerável e com características arquitectónicas, quer ao nível tipológico quer dos materiais utilizados nas edificações e nos espaços públicos, que lhes conferem uma identidade própria que interessa salvaguardar e dinamizar. Estes aglomerados antigos da zona serrana formam conjuntos de interesse patrimonial por serem maioritariamente constituídos por edificações de pequenas dimensões, construídas essencialmente em xisto e granito à vista, materiais que, muitas vezes, são aplicados também na execução de muros e no pavimento das vias, conferindo ao aglomerado uma certa unidade arquitectónica¹⁷.

Por se localizarem no interior do Concelho, estas zonas serranas são locais bastante vulneráveis à ocorrência de fenómenos de desertificação e, conseqüentemente, abandono e degradação (incluindo vandalismo) das estruturas edificadas. Todavia, são sítios com potencial para serem recuperados para turismo rural, para segunda habitação, entre outros (componente a ser desenvolvida no Estudo do Turismo).

¹⁷ Sendo a pedra um material resistente às variações de temperatura, quando aplicado em paredes de espessura considerável, constitui uma mais-valia em termos de conforto térmico, permitindo manter o interior das habitações aquecido durante o Outono e o Inverno (dado que não há grandes dissipações de calor), com recurso a fogões e lareiras típicas destas edificações, e durante o período mais quente o interior da casa mantém-se naturalmente mais fresco.



Com estas características identificamos, no Concelho, as aldeias do Covo, Lázaro, Lousa e Sobreira na Freguesia de Agadão, Belazaima-a-Velha e Cegos na Freguesia de Belazaima do Chão e Serra de Baixo na Freguesia de Castanheira do Vouga. Situados mais a norte surgem o Carvalho, Macieira de Alcôba e Urgueira, pertencentes à Freguesia de Macieira de Alcôba e ainda o Carvalhal e Lourizela na Freguesia do Préstimo.

Os aglomerados da Freguesia de Agadão, juntamente com os da Freguesia de Belazaima do Chão, são aqueles que se encontram mais desertificados, alguns já completamente inabitados, situação que terá contribuído para que parte destes tenham sido atingidos por incêndios. A ausência de vigilância normalmente feita pelos habitantes, que atempadamente alertam as autoridades e muitas vezes contribuem no combate aos incêndios, é um factor determinante na salvaguarda de aglomerados em geral e destes em particular.



Figuras 436 a 438 – Aglomerado do Covo, Freguesia de Agadão (336).



Figuras 439 a 444 – Aglomerado de Lázaro, Freguesia de Agadão (337).



Figuras 445 a 447 – Aglomerado da Lousa, Freguesia de Agadão (338).



Figuras 448 a 453 – Aglomerado da Sobreira, Freguesia de Agadão (339).

Quanto aos núcleos pertencentes à Freguesia de Belazaima do Chão, tanto Cepos como Belazaima-a-Velha são de dimensões reduzidas, e as edificações encontram-se já num avançado estado de degradação.



Figuras 454 a 456 – Aglomerado do Cepos, Freguesia de Belazaima do Chão (340).



No que concerne ao lugar de Serra de Baixo, pertencente à Freguesia de Castanheira do Vouga, este é habitado por uma única família constituída por cinco membros de três gerações, que se dedicam ao negócio da madeira e à agricultura de subsistência, incluindo a criação de animais para consumo próprio. Um facto curioso é a utilização da via pública para a secar forragem, o que indica o grau de isolamento a que estão habituados. Na zona mais elevada da aldeia encontra-se implantada uma capela razoavelmente bem conservada, de planta rectangular e cantarias em granito.



Figuras 457 a 462 – Aglomerado de Serra de Baixo, Freguesia de Castanheira do Vouga (341).

Os aglomerados da Freguesia de Macieira de Alcôba, neste contexto, são aqueles que, a par dos da Freguesia do Préstimo, apresentam maior número de habitantes e talvez por isso tenham uma elevada percentagem de edifícios agradavelmente recuperados. A população tem procurado manter viva a “memória” dos locais, utilizando os materiais próprios da zona quer nas edificações quer nos espaços públicos.





Figuras 463 a 468 – Aglomerado do Carvalho, Freguesia de Macieira de Alcôba (342).



Figuras 469 a 474 – Aglomerado de Macieira de Alcôba, Freguesia de Macieira de Alcôba (343).



Figuras 475 a 480 – Aglomerado da Urgueira, Freguesia de Macieira de Alcôba (344).



Os aglomerados da Freguesia do Préstimo, tal como referido anteriormente, apresentam um elevado número de imóveis recuperados e por conseguinte um número de habitantes considerável. Em Lourizela, por exemplo, surge um fenómeno bastante curioso, porque diverge em parte daquilo que tem vindo a acontecer noutras aldeias, isto é, a população tem-se empenhado na recuperação das edificações existentes, situação que inicialmente começou por um núcleo restrito de construções e rapidamente se propagou ao restante aglomerado, deste modo, praticamente toda a povoação mantém as características tradicionais.



Figuras 481 a 490 – Aglomerado de Lourizela, Freguesia do Préstimo (345).



Figuras 491 a 496 – Aglomerado do Carvalhal, Freguesia do Préstimo (346).

6. ELEMENTOS DE INTERESSE PATRIMONIAL

6.1. ALMINHAS, CALVÁRIOS E CRUZEIROS

Desde tempos remotos que existe a tradição da colocação de alminhas e cruzeiros ao longo dos caminhos, estradas e encruzilhadas, constituindo peças simbólicas de referência, associados a diversos ritos. Os cruzeiros são muitas vezes associados a um itinerário espiritual de determinada cerimónia religiosa como, por exemplo, uma procissão, ou, em certas localidades, como local de paragem e oração, durante um funeral, servindo ainda como símbolos de protecção para caminhantes e viajantes.

No que se refere às alminhas, estas estão muitas vezes associadas à função memorial, de recordação da morte inesperada de alguém, ocorrida no local onde estas são implantadas. No território concelhio surgem vários exemplos de alminhas, calvários e cruzeiros imbuídos de evidente valor histórico e patrimonial, dada a época em que foram executados, ao valor artístico, à raridade e ao simbolismo que encerram.



Alminhas em Alvarim - Belazaima do Chão
(347)



Alminhas em Lamas do Vouga
(348)



Alminhas da Redonda – Valongo do Vouga
(349)



Alminhas em Macieira de Alcôba
(350)



Alminhas em Macieira de Alcôba
(351)

Figuras 497 a 501 – Alminhas do Concelho a Preservar.



Cruzeiro da Lomba - Agadão
(352)



Cruzeiro de Aguada de Baixo
(353)



Cruzeiro do Senhor da Paz - Aguada de Cima
(354)



Cruzeiro em Águeda
(355)



Cruzeiro de Paredes – Águeda
(356)



Cruzeiro de Barrô
(357)



Cruzeiro em Águeda
(358)



Cruzeiro na Borralha
(359)



Cruzeiro da Piedade – Espinhel
(360)



Cruzeiro de Casal d'Álvaro – Espinhel
(361)



Cruzeiro de Fermentelos
(362)



Cruzeiro de Macieira de Alcôba
(363)



Cruzeiro da Urgueira - Macieira de Alcôba
(364)



Cruzeiro de Macinhata do Vouga
(365)



Cruzeiro de Macinhata do Vouga
(366)



Cruzeiro na Mesa – Macinhata do Vouga
(367)



Cruzeiro de Serém – Macinhata do Vouga
(368)



Cruzeiro de Óis da Ribeira
(369)



Cruzeiro na Barrosa – Préstimo
(370)



Cruzeiro de Recardães
(371)



Cruzeiro de Fujacos – Recardães
(372)



Cruzeiro em Segadães
(373)



Cruzeiro em Travassô
(374)



Cruzeiro em Travassô
(375)



Cruzeiro em Travassô
(376)



Cruzeiro da Trofa
(377)



Cruzeiro em Crastovães – Trofa
(378)



Cruzeiro de Valongo do Vouga (DGEMN)
(379)



Cruzeiro em Valongo do Vouga
(380)



Cruzeiro da Aguieira – Valongo do Vouga
(381)



Cruzeiro do Brunhido – Valongo do Vouga
(382)



Cruzeiro de Arrancada – Valongo do Vouga
(383)



Cruzeiro em Arrancada – Valongo do Vouga
(384)



Calvário de Arrancada – Valongo do Vouga
(385)

Figuras 502 a 535 – Calvário e Cruzeiros do Concelho a Preservar.

6.2. ELEMENTOS INDUSTRIAIS

A história industrial no Concelho de Águeda remonta ao início do século XX¹⁸, época em que a paisagem adquiria outros contornos, transformada com o surgimento de novas tipologias edificatórias, as grandes naves industriais, muitas vezes associadas a um elemento vertical visível de vários pontos das

¹⁸ Consultar Estudo de Caracterização Industrial.



povoações. As chaminés de tijolo constituem, ainda hoje, importantes marcos visuais na paisagem, elementos de referência que fazem parte da memória colectiva, outrora símbolos do progresso, do desenvolvimento e da modernidade. Portanto, sendo Águeda um Município de vocação industrial, deverá valorizar e perpetuar estes símbolos, que já vão sendo pouco comuns, a fim de que estes venham a representar, para as futuras gerações, marcos da história do século XX.



Chaminé – Antiga Fábrica - Águeda
(386)



Chaminé Cerâmica do Vale do Mouro – Barro
(387)



Forno da Antiga Fábrica do Outeiro
(388)



Torre no Centro da Cidade
(389)



Torre Electricidade – Travassô
(390)



Torre Electricidade - Trofa
(391)

Figuras 536 a 541 – Elementos Industriais do Concelho a Preservar.

6.3. FONTES

Outrora importantes pontos de abastecimento de água para as populações, constituindo ótimos locais de encontro, as fontes perderam hoje alguma da sua importância funcional, com o surgimento da água canalizada nas habitações, não perdendo, porém, o seu interesse patrimonial, enquanto objectos artísticos e marcos da história concelhia. Seguidamente, apresenta-se um conjunto de fontes que pelas suas características históricas, artísticas e patrimoniais, são importantes salvaguardar.



Fonte da Corga da Fonte – Agadão
(392)



Fonte em Aguada de Cima
(393)



Fonte da Ladeira – Aguada de Cima
(394)



Fonte em Águeda
(395)



Fonte em Águeda
(396)



Fonte em Águeda
(397)



Fonte no Sardão - Águeda
(398)



Fonte em Assequins - Águeda
(399)



Fonte em Bolfiar - Águeda
(400)



Fonte no Raivo – Águeda
(401)



Fonte – Barrô
(402)



Fonte dos Amores – Barrô
(403)



Fonte do Atalho – Borralha
(404)



Fonte no Candam - Borralha
(405)



Fonte do Castilho – Castanheira do Vouga
(406)



Fonte Antiga de Pedações
(407)



Fonte de Santo António - Pedações
(408)



Fonte em Pedações
(409)



Fonte de Lamas do Vouga
(410)



Fonte em Alombada – Macinhata do Vouga
(411)



Fonte de Sernada do Vouga
(412)



Fonte em Serém de Baixo
(413)



Fonte de Santo António – Serém de Baixo
(414)



Fonte de Macinhata do Vouga (DGEMN)
(415)



Fonte de Óis da Ribeira
(416)



Fonte em Recardães
(417)



Fonte na Fontinha – Segadães
(418)



Fonte em Travassô
(419)



Fonte em Cabanões – Travassô
(420)

Figuras 542 a 570 – Fontes do Concelho a Preservar.

6.4. MIRADOUROS

No território concelhio existem alguns miradouros, que constituem agradáveis pontos de paragem para observação da paisagem (flora e fauna), com vistas panorâmicas sobre as várzeas. A título de exemplo, refere-se a Varanda de Pilatos, situada em Almeir, Freguesia de Travassô, com vista para o Rio Águeda e Vouga (e várzeas envolventes). Esta foi construída em 1939, devendo-se a sua execução ao Sr. Eng.º José de Almeida Graça.



Figuras 571 a 573 – Varanda de Pilatos em Almeir – Travassô (421).



6.5. ESPÓLIO DOS MUSEUS

Fazem parte do património cultural móvel os espólios dos museus instalados no Concelho de Águeda, tais como a Fundação Dionísio Pinheiro e Alice Cardoso Pinheiro localizado na Freguesia de Águeda, o Museu Ferroviário em Macinhata do Vouga, o Museu Etnográfico da Região do Vouga situado na Freguesia da Trofa e ainda a Instituição João Tomás Nunes na Freguesia de Fermentelos.



Figuras 574 a 577 – Da esquerda para a direita Fundação Dionísio Pinheiro, Museu Ferroviário do Vale do Vouga, Museu Etnográfico da Região do Vouga e Instituição João Tomás Nunes.

Relativamente ao espólio da Fundação Dionísio Pinheiro e Alice Cardoso Pinheiro, este é constituído por pinturas do século XVI ao século XX, esculturas, uma colecção de louças da Companhia das Índias, móveis entalhados com embutidos em marfim, tapeçarias e mobiliário de diferentes épocas, entre outros.

Já o Museu Ferroviário do Vale do Vouga foi fundado em 1981 e está implantado junto à estação da Mourisca do Vouga. Do espólio ferroviário, das Companhias Nacional e Vale do Vouga, fazem parte uma locomotiva instalada no exterior do edifício e no interior cinco locomotivas, duas automotoras, duas dresinas, um salão-pagador, um furgão, duas carruagens e uma ambulância-postal, entre outros.

O Museu Etnográfico da Região do Vouga, localizado na Vila de Mourisca do Vouga, Freguesia da Trofa, pertence ao Grupo Folclórico da Região do Vouga, e possui uma interessante colecção de trajes, artesanato e peças ligadas ao folclore.



Na Freguesia de Fermentelos surge a Instituição João Tomás Nunes, criada em 1942 pelo Prof. Artur Nunes Vidal em colaboração com a Junta de Freguesia, a qual tem uma exposição permanente de utensílios, de diversas épocas, ligados ao trabalho agrícola e às oficinas artesanais.

6.6. PONTES

As pontes são elementos patrimoniais de valor arquitectónico que importam manter, sendo que em Águeda existe uma que se encontra classificada como imóvel de interesse público (Ponte Velha do Marnel). Todavia, outras são as pontes de história mais recente, que embora não tão relevantes em termos de época de construção, fazem também parte da história ferroviária e viária do Concelho e, por isso, constituem património que deverá ser salvaguardado.



Ponte sobre o Rio Águeda – centro cidade
(422)



Ponte de ferro sobre o Rio Águeda – Travassô
(423)



Ponte sobre o Rio Alfusqueiro – Bolfiar
(424)



Ponte sobre o Rio Alfusqueiro – Préstimo
(425)



Ponte de ferro sobre o Rio Caima
(426)



Ponte sobre o Rio Vouga – Sernada
(427)



Ponte sobre o Rio Marnel - Lamas do Vouga
(428)



Ponte sobre o Rio Marnel – Lamas do Vouga
(429)

Figuras 578 a 585 – Pontes do Concelho a Preservar.

6.7. OUTROS ELEMENTOS

Existem outros elementos de valor patrimonial no Concelho que deverão ser preservados, tais como, por exemplo, as azenhas, os marcos de propriedade, uma torre revestida a seixo localizada na cidade de Águeda e outros elementos de relevo pertencentes a capelas reconstruídas ou desactivadas, já que constituem elementos que tendem a desaparecer. Pelo que de seguida se apresentam alguns destes elementos que pontuam o Concelho.



Figuras 586 a 589 – Azenhas do Concelho a Preservar (430 a 432).



Figuras 590 a 593 – Da esquerda para a direita, Torre Revestida a Seixo, Marco de Propriedade e Elementos Pertencentes a Capelas a Preservar (433 a 436).



6.8. SÉCULO XX - REFERÊNCIAS DA ARQUITECTURA MODERNA

No território concelhio existem alguns edifícios construídos no final do século XX que constituem referências da arquitectura moderna. Não pretendendo fazer um levantamento exaustivo deste tipo de edificações, importa apontar alguns dos mais relevantes, para se perceber que ainda hoje são construídos edifícios que se assumem ou assumirão futuramente como tal.



Figuras 594 e 595 – Câmara Municipal de Águeda (437).

Um destes é o edifício da Câmara Municipal que foi construído em 1984 e cujo autor do projecto é o Arq.º Pedro Ramalho. O edifício é definido por volumes articulados entre si, procurando definir alinhamentos que o integram na envolvente. Recebeu o prémio da Associação dos Arquitectos Portugueses, em 1989.



Figuras 596 e 597 – Fundação Dionísio Pinheiro e Alice Cardoso Pinheiro (438).

Outro, é o edifício da Fundação Dionísio Pinheiro e Alice Cardoso Pinheiro que foi projectado pelo Arq.º Agostinho Ricca, tendo a construção sido finalizada em 1985, ano em que foi também inaugurado. Este é constituído por salas de exposições, de conferências e biblioteca.



Figuras 598 e 599 – Revigrés (439).

Também o edifício construído para a Révigrés, (projecto do Arq.º Siza Vieira) localizado em Barrô, constitui uma obra de referência no contexto industrial local. Caracterizado por linhas direitas, apresenta elementos que se destacam da construção principal, fazendo uma referência implícita às tradicionais chaminés industriais



Figuras 600 e 601 – ABARCA (440).

O projecto para a construção do edifício da ABARCA foi elaborado pelo Arq.º Tomás Taveira. Este é definido por um conjunto de volumes, formas e cores que lhe conferem alguma singularidade.



7. PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO

7.1. INTRODUÇÃO

O moderno Concelho de Águeda, com uma paisagem em que prevalece uma dicotomia acentuada entre a Serra e o Mar, possui um território profusamente irrigado por linhas de água, com mais ou menos destaque; com peniplanos, vales e montanhas, condições sobejamente suficientes para que a ocupação do território funda as suas raízes nos tempos mais antigos da existência humana. Contudo, esta riqueza e diversidade geográfica, se é de certo modo premonitória da complexidade diacrónica e cultural da ocupação do território, não se reflecte no número de estações e/ou sítios arqueológicos identificados.

A prática da investigação arqueológica no Concelho, sempre se pautou por acções intermitentes, entre os finais do século XIX e os finais do século XX. Aqui, os primeiros trabalhos são de teóricos, imbuídos do espírito do Romantismo dos finais do século XIX, do mesmo modo que as primeiras intervenções arqueológicas, ou tidas como tal, remontam aos anos 40 do século XX, o que é revelador de uma certa atonia mental que caracterizava as consciências mais ou menos eruditas de então.

As primeiras incursões no domínio do levantamento e registo do património arqueológico, no Concelho, remontam aos finais do século XX (1990), pela mão de dois estudantes do 2.º ano de Arqueologia da Universidade de Coimbra (Catarina Cardoso e Rafael Estanqueiro) – trata-se porém de um trabalho carregado de imprecisões e em que a pesquisa de campo foi pouco menos que infrutífera.

Falta ainda a realização de um trabalho de fôlego, que esquadrinhe canto a canto este vasto território entre a Serra e o Mar; que identifique, cartografe e descreva as várias estações e/ou sítios arqueológicos que certamente enxameiam o aro concelhio – dos terraços fluviais ao modelado montanhoso, não faltarão por aqui estações e/ou sítios.



7.2. A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO: DA PRÉ-HISTÓRIA ANTIGA AO MEDIEVO

Como referimos anteriormente, testemunhos arqueológicos encontram-se um pouco por todo o lado, documentando a presença do Homem desde épocas recuadas da nossa História – dos terraços fluviais, em que a presença do Paleolítico remonta há pelo menos 40 000 anos, até às ruínas imponentes de civilizações urbanas – Idade do Ferro – ou em vias de se transformarem em tal, pela acção dos conquistadores latinos, oriundos do mediterrâneo, encontram-se dispersos pelo aro do actual Concelho, com sede em Águeda¹⁹.

7.2.1. Pré-História Antiga: Paleolítico, Mesolítico

Os vestígios mais antigos da ocupação humana no solar aguedense encontram-se nos terraços ribeirinhos, com especial destaque para os do Rio Vouga, Lamas do Vouga. Embora as estratigrafias se apresentem muito alteradas por remeximentos vários e, como tal, revelem dificuldades de interpretação crono-estratigráfica, a tipologia das macro-indústrias (bifaces, picos, raspadores) apontam para um horizonte cronológico ocupacional, compreendido entre os 40 000 e os 30 000 anos a. C., apontando assim para a presença de acampamentos temporários de bandas de caçadores-recolectores.

Em outros rios como o Águeda, o Cértima e o Alfusqueiro, entre vários outros, é possível que ocorram situações idênticas, dadas as condições propícias ao estabelecimento humano, por parte das linhas de água, desde o passado mais remoto.

Seguindo um pouco nesta linha, tem-se exemplos de indústrias sobre lascas em quartzito, por exemplo, em terraços sobranceiros à Pateira de Fermentelos, no talude de um caminho que desemboca ali, assim como nos terraços do Vouga – aqui associadas inclusive a indústrias microlíticas de sílex (peças de recorte geométrico, obtidas a partir de lâminas e/ou lamelas).

¹⁹ Reportando aos dados reunidos, procura-se dar uma perspectiva generalista do património arqueológico conhecido até ao momento para o Concelho de Águeda.



Por certo haverá outros testemunhos. Contudo é uma área muito pouco conhecida e menos ainda estudada, como acontece com as populações do X-IX milénio a.C. / VII milénio a.C. e que, usualmente, são enquadradas sob a designação de “mesolíticas”, dada a transição cronológico-cultural que constituem, rumo às comunidades de produtores – pastores e agricultores neolíticos do VI-V milénio a.C.

7.2.2. Pré-História Recente: Neolítico, Calcolítico

Com a sedentarização das populações, mesmo se ainda não totalmente conseguida, o que ocorrerá mais tarde, assiste-se também a um crescendo de testemunhos arqueológicos, particularmente ao nível das sepulturas, já que dos povoados destas populações muito pouco se conhece, até pela sua menor visibilidade no território.

Cabe assim às sepulturas pontuar a paisagem. Construídas de terra e pedras, de forma mamelar, estas “mamoas” ou tumuli, são muito comuns, se bem que não tanto como terão sido no passado, visto ser a forma comum de tumular os membros de uma dada comunidade.

Com uma perduração que se estende por cerca de três mil anos, entre o V milénio a. C. e os inícios do II milénio a. C., encontram-se ainda alguns exemplares distribuídos pelo aro concelhio, a merecerem ser salvaguardados já que os monumentos conhecidos são escassos, face ao número que terão atingido no passado.

Hoje encontramos-as confinadas quase que exclusivamente a zonas de floresta e/ou de montanha onde o ritmo da industrialização e/ou da implementação de equipamentos urbanos, assim como industriais ainda não chegou. Contudo, também se pode esquecer que os arroteamentos agrícolas, assim como os caçadores de tesouros, de todas as épocas, foram no passado, como ainda hoje, responsáveis pela destruição e mutilação de muitos destes exemplares das primeiras arquitecturas da Humanidade ocidental e atlântica. No aro concelhio ainda se conhecem alguns, poucos, exemplares que importam salvar. Dos possíveis identificar, registam-se os seguintes:



Sítio: Mamoa 1 do Alto da Boavista, Macinhata do Vouga (441).

Cronologia: V milénio a.C. / II milénio a.C.

Coordenadas geográficas (WGS84): 40° 39' 12,41" N
8° 26' 27,77" W

Localização: Localiza-se cerca de 75 m a nascente do campo de futebol de Macinhata do Vouga. Tem uma implantação numa grande superfície culminante aplanada, designada por Alto da Boavista (também conhecida por lugar das “maminhas”), sobranceira à margem esquerda do Rio Vouga, à altitude de 78 m.

Descrição: Tumulus de planta circular com um diâmetro de cerca de 15 m e uma altura de cerca de 1 m. A mamoa que se apresenta coberta por vegetação herbácea e alguns eucaliptos não tem vestígios de couraça lítica e o negativo de violação é pouco perceptível. Actualmente, encontra-se em mau estado de conservação.

Fontes: Inédito, prospecção do Dr. Fernando A. P. da Silva



Sítio: Mamoa 2 da Malaposta, Serém - Macinhata do Vouga (442).

Cronologia: V milénio a.C. / II milénio a.C.

Coordenadas geográficas (WGS84): 40° 40' 00,12" N
8° 28' 31,46" W



Localização: Localiza-se cerca de 100 m a ESE da Mamoá 1 da Malaposta, sobranceira à margem direita da EN1 no sentido Porto/Águeda a aproximadamente 400 m do cruzamento que da EN 1 se dirige para Alquerubim (Concelho de Albergaria-a-Velha) à altitude aproximada de 100 m.

Descrição: Tumulus de planta sub-circular, com um diâmetro de cerca de 15 m e uma altura acima do solo de pouco mais de um 1 m. Tem couraça lítica e violação onde não são visíveis esteios alguns da câmara funerária. Este monumento tinha sido dado como destruído pelas obras da EN1. Actualmente, apresenta-se coberta por vegetação herbácea e alguns eucaliptos e em mau estado de conservação.

Fontes: Inédito, prospecção do Dr. Fernando A. P. da Silva



Sítio: Mamoa 1 de Ventoso, Préstimo (443).

Cronologia: V milénio a.C./ II milénio a.C.

Coordenadas geográficas (WGS84): 40° 38' 23,38" N
8° 21' 04,58" W

Localização: Ao sair da estrada municipal (Águeda-Talhadas) para Ventoso, seguir à direita pelo caminho que surge imediatamente depois da escola, encontrando-se a mamoa no topo dessa elevação, a uns 40 m de uma construção dos SMAS.

Descrição: Tumulus de planta circular, que deveria ter cerca de 6 m e uma altura acima do solo de pouco mais de 60 cm. Na cratera de violação não visíveis esteios ou indícios de couraça pétreo. Este monumento encontra-se bastante destruído devido à colocação de uma antena de telecomunicações, na proximidade, assim como da existência de uma construção dos SMAS, as áreas de circulação para a construção dessas estruturas terá contribuído para a destruição de cerca de 60% da mamoa. Actualmente, apresenta-se coberta por vegetação arbustiva silvestre muito densa e em mau estado de conservação.

Fontes: Inédito, prospecção do Dr. Fernando A. P. da Silva



Sítio: Mamoa 1 da Maçoida – Valongo do Vouga (444)

Cronologia: V milénio a.C./ II milénio a.C.

Coordenadas geográficas (WGS84): 40° 36' 33,44" N
8° 23' 27,70" W

Localização: Localiza-se a oeste da estrada (Águeda-Talhadas), a cerca de 200 m do cruzamento para a Maçoida. Nesse cruzamento seguir para oeste (em direcção a Arrancada do Vouga) e tomar logo o primeiro caminho que se apresenta à direita e seguir até ao primeiro pinhal que é onde se encontra a mamoa. Este monumento encontra-se à altitude aproximada de 165 m. Apesar de se localizar nas proximidades da localidade de Maçoida, o local onde se encontra faz parte da Freguesia de Valongo do Vouga.

Descrição: Tumulus de planta circular, com um diâmetro de cerca de 10 m e uma altura acima do solo de um pouco menos de um 1 m. É visível a cratera de violação onde se encontram três blocos de quartzo, que não é possível aferir a sua pertença ao monumento. Actualmente, apresenta-se coberta por alguns eucaliptos e alguma vegetação herbácea silvestre, encontrando-se em mau estado de conservação.

Fontes: Inédito, informação do proprietário do terreno: Armando Dias Pereiro (Maçoida)

Integrado, eventualmente, neste contexto cronológico-cultural pode-se indicar o abrigo rupestre da Cova da Moura.



Sítio: Cova da Moura, Casal d'Álvares, Espinhel (445).

Cronologia: Indeterminada.



Coordenadas geográficas (WGS84): 40° 35' 01,70" N
8° 28' 22,50" W

Localização: Localiza-se na zona industrial do Raso de Paredes, a 50 m a Este do viaduto do IC 2, junto do caminho que permite a circulação sob o dito viaduto.

Descrição: Trata-se de um abrigo artificial sob rocha, sobranceiro a uma linha de água, em Casal d'Álvaro. Presume-se que tenha tido ocupação humana desde a Pré-história recente. Constitui um sítio arqueológico inédito. Actualmente, o seu estado de conservação é mau. Encontra se envolvida por vegetação herbácea e algumas árvores.

Fontes: Inédito, prospecção do Dr. Fernando A. P. da Silva



Sítio: Bascos (Vascos), Espinhel (446)

Cronologia: Pré-história / Arte rupestre (?)

Coordenadas geográficas (WGS84): 40° 34' 08,80" N
8° 28' 43,68" W

Localização: O sítio fica localizado na margem sul do Rio Águeda, num afloramento de Arenito a uns 250 m a oeste da ponte (Recardães – Oronhe) do IC 2.

Descrição: Trata-se de um possível abrigo rupestre, que poderá ter sido usado na pré-história e/ou por indivíduos pertencentes a comunidades agro-pastoris, com cerca de 10 m de comprimento, e com variações de profundidade entre os 2 e 1 m. Não foram identificados quaisquer vestígios de superfície, mas há zonas em que existe algum sedimento. No acesso Este do Abrigo, foram identificados 5 pedomorfos delineados e 2 duas covinhas (fossetes), a cronologia destas gravuras é muito duvidosa, dado existirem vários grafitos e inscrições recentes nas imediações. A sua descoberta surgiu durante uma tentativa de localização do Castro de Recardães.

Fontes: Inédito



7.2.3. Proto-História: Idade do Bronze, Idade do Ferro

Durante a Proto-História, o povoamento organiza-se em novos moldes, até porque o crescimento demográfico é já significativo, novas formas de exercício do poder afirmam-se, as trocas comerciais alargam-se a mercados a longa distância e em que os bens de prestígio desempenham um papel significativo na afirmação e na consolidação das chefaturas locais. É toda uma sociedade em mudança e que funda as suas raízes nas populações da Idade do Bronze.

As populações organizam-se em habitats localizados em pontos marcantes da paisagem, fortificados uns, rodeados de fossos e paliçadas outros. É todo um conjunto de novas adaptações e que vai obviamente deixar marcas significativas na paisagem, de que modernamente a expressão mais visível é o povoado, o “castro” ou “crasto” da Idade do Ferro.

No Concelho de Águeda está-se em crer que estes vestígios estarão bem representados, o que remete imediatamente para o Cabeço do Vouga e um ou outro povoado sugestivamente identificado pela microtoponímia local como, por exemplo, o Castro de S. Jorge em Recardães.

No caso do Cabeço do Vouga, estamos perante um povoado com uma trajectória cronológica de grande diacronia, visto que “nasce” na Idade do Bronze, por alturas dos finais do II milénio a. C. e só se extinguirá pelo século VI/VII da nossa Era.

É um caso paradigmático da ocupação do território, mas tal, também se deve ao facto de ser o povoado para o qual se possui mais informação, dado que vem a ser ininterruptamente estudado desde o ano de 1996.



Figuras 100 a 108 – Materiais Arqueológicos da Idade do Bronze, encontrados na Estação Arqueológica do Cabeço do Vouga



Sítio: Estação Arqueológica do Cabeço do Vouga, Lamas do Vouga (2 / A2).

Cronologia: Finais do II milénio a.C. / século VI/VII n.E.

Coordenadas geográficas (WGS84): 40° 38' 11,70" N
8° 27' 50,50" W

CNS: 530

Localização: Tem como delimitações geográficas a norte um meandro do Rio Vouga; a sudoeste as imediações da povoação de Lamas do Vouga; a oeste a Estrada Nacional 1 e a sul a "pateira" do Rio Marnel. Administrativamente, localiza-se na Freguesia de Lamas do Vouga, Concelho de Águeda, Distrito de Aveiro.

Descrição: Povoado de altura, localizado sobre um meandro da margem esquerda do Rio Vouga e que se distribui por duas plataformas de altitude desigual. Inicialmente, durante a Idade do Bronze, consistiu num pequeno aldeamento de cabanas construídas à base de palha barro, com uma utensilagem herdada das épocas anteriores, ou seja, constituída por artefactos polidos, utensílios laminares e/ou raspadeiras em sílex; a cerâmica é o seu grande indicador pelas formas e técnicas: formas carenadas de superfícies brunidas. O mundo mediterrânico fenício/púnico e o mundo atlântico irão influenciar profundamente este substrato populacional, pelas aportações que introduzirão pela via comercial. Tais alterações só terão paralelo com a colonização romana.

Sítio: Bico da Mota, Óis da Ribeira (447)

Cronologia: Proto-história (?)

Coordenadas geográficas (WGS84): 40° 34' 40,18" N
8° 30' 47,84" W

Localização: Seguir em direcção à Pateira de Óis da Ribeira, ao chegar à Estalagem cortar à direita (norte), e seguir 200m.

Descrição: Foram encontrados no talude sobranceiro ao parque de merendas da Pateira, um peso de rede e uma lasca de quartzito, a uma altitude de cerca de 8 m.

Fontes: Inédito



Sítio: Goucha, Espinhel (448).

Cronologia: Idade do Ferro, Romano, Medieval.

Coordenadas geográficas (WGS84): 40° 33' 51,78" N
8° 30' 07,00" W

CNS: 3748

Localização: Localiza-se na encosta noroeste do lugar da Piedade e a sul do Parque da Pateira de Espinhel.

Descrição: Em meados do século XX foram identificados vários fragmentos de olaria e de um peso de rede, da Idade do Ferro. Numa tentativa de relocalização do sítio, apenas foram encontrados alguns vestígios de cerâmicas comuns e de construção Modernos, que corresponderão à fase final da ocupação da “cidade da Goucha”, cujas memórias chegaram até nós sobretudo por via oral.

Fontes: LADEIRA s.d., p. 271. Informação oral do Presidente da Junta de Freguesia.

Sítio: Povoado fortificado, Serém, Macinhata do Vouga (449)

Cronologia: Indeterminada

Coordenadas geográficas (WGS84): 40° 39' 05,17" N
8° 28' 02,45" W

CNS: 4507

Localização: Serém de Cima, a cerca de 270 m a norte do marco geodésico de Vouga (Serém de Cima).

Descrição: Numa tentativa para relocalizar o povoado, foram encontrados alguns vestígios de cerâmica, sendo no entanto pouco caracterizadores em termos cronológicos, da ocupação do sítio, aparentemente apontando para uma cronologia tardo-romana ou medieval.



7.2.4. Época Romana

Trata-se de um período longo de séculos e que vai exercer forte influência nas populações com quem os Romanos contactam, alterando por sua influência, hábitos ancestrais, usos e costumes. É uma época que deixou inúmeros vestígios a todos os níveis, sendo corrente o topar-se com vestígios arqueológicos referidos a estes tempos. Quem não tem conhecimento do aparecimento de moedas, cerâmica comum, cerâmica industrial, um pouco por todo o lado?

Também no Concelho de Águeda há várias referências a achados romanos, particularmente de fornos, hoje já destruídos. Contudo, optou-se apenas por referir os vestígios arqueológicos romanos de que tem-se conhecimento mediante visita ao local.



Sítio: Estação Arqueológica do Cabeço do Vouga, Lamas do Vouga (2 / A2).

Cronologia: século I a. C./ século VI/VII n. E.

Coordenadas geográficas (WGS84): 40° 38' 11,70" N
8° 27' 50,50" W

CNS: 530

Localização: Tem como delimitações geográficas a norte um meandro do Rio Vouga; a sudoeste as imediações da povoação de Lamas do Vouga; a oeste a Estrada Nacional 1 e a sul a “pateira” do Rio Marnel. Administrativamente, localiza-se na Freguesia de Lamas do Vouga, Concelho de Águeda, Distrito de Aveiro.

Descrição: A romanização neste povoado do Bronze/Ferro ocorrerá pelo século I a. C./século I d. C., altura em que começam a ser erguidas as primeiras construções à maneira romana e se começam a utilizar os materiais de construção romana. É desta altura que datará a plataforma murada, sobre a qual



assentam as construções. No século III/IV um novo programa construtivo será aplicado ao sítio: constroem-se contrafortes semicirculares – as abóbadas de eixo vertical, o contraforte rectilíneo e duplamente pilastrado e, muito provavelmente, o templo. O sítio acabará por entrar em declínio apagando-se pura e simplesmente, por alturas do século VI/VII.

Sítio: Goucha 2, Espinhel (450).

Cronologia: Romano, Medieval.

Coordenadas geográficas (WGS84): 40° 34' 04,40" N
8° 29' 55,81" W

Localização: Localiza-se sobranceiramente ao Parque da Pateira de Espinhel.

Descrição: Durante trabalhos agrícolas foi assinalada a existência de materiais cerâmicos.

Fontes: LADEIRA s.d., p. 271. Informação oral do Presidente da J. F.



Sítio: Ponte Pedrinha, Óis da Ribeira (451).

Cronologia: Romano (?)

Coordenadas geográficas (WGS84): 40° 35' 13,08" N
8° 30' 16,69" W

Localização: Localiza-se junto do caminho, paralelo ao Rio Águeda.

Descrição: Aparecimento (isolado) de peso de lagar, de azeite.

Fontes: Inédito, prospecção do Dr. Fernando A. P. da Silva.



Sítio: Travassô (452)

Cronologia: Romano

Coordenadas geográficas (WGS84): 40° 35' 24,66" N
8° 30' 32,04" W

Localização: Localiza-se a sudoeste de Travassô (entre Travassô de Baixo e Cabanões), a cerca de 60 m de uma passagem de nível sem guarda, da Linha do Vouga.

Descrição: Aparecimento de cerâmica sigillata, cerâmica comum e um peso de lagar. Tudo parece potenciar, pelo menos a existência de um casal agrícola, com alguma pujança.

Fontes: Inédito, prospecção do Dr. Fernando A. P. da Silva.



Sítio: Fonte Romana da Forcada, Aguada de Cima (453).

Cronologia: Provavelmente de Origem Romana.

Coordenadas geográficas (WGS84): 40° 30' 57,96" N
8° 24' 29,52" W

Descrição: A construção consiste basicamente numa fonte de mergulho, também apelidada de fonte do "charco", delimitada por uma construção pétreia de planta rectangular, em pedra de aparelho não esquadriado ou de aparelho rústico, em arenito e xisto, consolidado pelo método da aplicação de



massas à base de cal e areia. Como remate da construção rectangular tem uma aplicação nos mesmos materiais líticos, de forma prismática. O acesso à fonte de mergulho propriamente dita, é possibilitado pela existência de uma abertura ou bocal, definido por um arco solium, de volta perfeita, construído nos mesmos materiais que encontramos em toda a estrutura envolvente da fonte de mergulho – arenitos e xistos, a par de alguns seixos rolados quartzíticos, comuns nas áreas de terraço fluvial da região.

A fonte de mergulho apresenta-se em bom estado de conservação, pese embora os sinais evidentes de abandono a que tinha sido votada, pelas dificuldades de acessibilidade à mesma, às construções que em redor desta, ao longo do tempo, se foram erguendo, limitando e/ou mesmo dificultando o acesso à mesma, pese embora a existência de um caminho vicinal, de pé posto, hoje muito adulterado.

Do ponto de vista da avaliação cronológica, embora o facto de as “fontes de mergulho” entoncarmos as suas raízes no mundo romano, da construção existente tal não se depreende, dada a inexistência de uma edificação em pedra aparelhada – com ou sem almofadas – e de aresta seca. Pelo contrário, está-se em presença de uma construção em pedra de calibre médio a pequeno, consolidada pela aplicação de massas regionais à base de cal e areia que se encontram em época tardo-romana, mas que tem uma grande longevidade e com utilizações que chegaram aos dias de hoje. Tal, porém, não descarta a possibilidade de, na sua origem, se ter tratado de uma verdadeira fonte de mergulho de época romana.

Como se trata de um raro exemplar no Concelho de Águeda, da longa tradição das fontes de mergulho romanas e dado o seu bom estado de conservação e o peso cultural que mantém para a população do lugar, é um elemento que importa proteger.

7.2.5. O Medieval

É a época cronológica para a qual menos informação se possui, pese embora a existência de documentação cartulária. Contudo, exceptuando-se uma primeira abordagem na necrópole altimedieval das Almas Santas do Passal, Lamas do Vouga, nenhum outro estudo arqueológico foi até à data efectuado. Enquadráveis neste âmbito cronológico cultural podem-se considerar:



Sítio: Cabeço do Vouga, Rua do Cardanho, Lamas do Vouga (454).

Cronologia: Tardo romano/medieval.

Coordenadas geográficas (WGS84): 40° 38' 4,56" N
8° 28' 4,44" W

Descrição: sítio na encosta poente/sul do Cabeço do Vouga, com abundantes cerâmicas de fabrico tardo romana/medieval.



Sítio: Necrópole das Almas Santas do Passal, Lamas do Vouga (455).

Cronologia: Alta Idade Média (século X)

Coordenadas geográficas (WGS84): 40° 37' 51,78" N
8° 27' 53,82" W

Descrição: Sob o micro-topónimo de “Almas Santas do Passal” designa-se um lugar da Freguesia de Lamas do Vouga, Concelho de Águeda, situado “Pouco acima da ponte velha²⁰, na encosta esquerda do monte lateral...” (Vieira, 1870), do vale do Marnel.

²⁰ Refere-se à ponte românica, sobre o Rio Marnel, afluente da margem esquerda do Rio Vouga.



Ponto de grande devoção popular²¹, as suas origens deverão recuar bastante no tempo, em data imprecisa, visto correr ainda entre as gentes do lugar a crença de que de Aveiro e da Murtosa vinham aqui enterrar os mortos e acender velas em actos de fé e de grande religiosidade. De acordo com os dados documentais existentes, a tradição de o sítio ter constituído um local de enterramento, deverá entroncar as suas raízes no tempo em que aí existiu uma igreja ou mosteiro, da invocação de Santa Maria de Lamas, já em estado de completa ruína cerca da segunda metade do século XIX, como relata Figueiredo Vieira, em artigo do jornal “Escola Popular”, no seu número 29²² “ruínas da Igreja, que ainda ahi vemos, sam as da Igreja do anno de 1170”.

A necrópole d’As “Almas Santas” do Passal insere-se numa micro-região dominada pela sombra tutelar do povoado fortificado do Cabeço do Vouga ou Monte Marnel, situando-se na falda ocidental daquele acidente topográfico, sobre o Rio Marnel, afluente da margem esquerda do Vouga (figura 1).



Sítio: Povoado de Vila Verde (antiga Villa de Belhe), Lamas do Vouga (456).

Cronologia: Alta Idade Média.

Coordenadas geográficas (WGS84): 40° 38' 13,74" N
8° 28' 42,96" W

Localização: No sentido sul-norte, depois de se passar a ponte velha sobre o Vouga (no lugar de Mesa), cortar no primeiro caminho à esquerda e seguir cerca de 1,6 km.

Descrição: Dos edifícios em adobe e arenito, pouco resta e é tardio, pois toda a área se encontra repovoada com eucaliptos. É de salientar a presença de fragmentos de cerâmica de construção incrustadas nas paredes destes edifícios. As informações orais referem que esta antiga vila (na década

²¹Ainda actualmente aí se cumprem promessas, como informou um morador local e que, de resto, está atestado pela existência no improvisado ossário, de ex-votos em cera, de mãos, braços e pernas, documentando quão viva se mantém a tradição religiosa do local.

²² O jornal “Escola Popular”, “Semanário Litterario, Instructivo e Noticioso”, como se designava em subtítulo, teve curta existência, entre 7 de Maio de 1870 e 25 de Maio de 1871, ao todo 52 semanas, 52 números publicados. Por ocasião dos 120 anos do jornal “Soberania do Povo”, foi publicada uma edição fac-similada do “Escola Popular”, com Introdução do Dr. Deniz Ramos.



de setenta) era um grande aldeamento com práticas agrícolas. Nesta vila existia uma pedreira e um porto fluvial (daqui os barcos carregavam o sal, as telhas e madeira para Aveiro). Bem perto deste povoado, existe uma capela do século XIX-XX denominada por Vila Verde, cujo orago se faria em honra de Santo André. Actualmente, esta vila encontra-se em mau estado de conservação: os edifícios estão rodeados com eucaliptos e vegetação herbácea.

Fontes: Inédito, prospecção do Dr. Fernando A. P. da Silva



Sítio: Torre de menagem eventualmente Atalaia medieval, Fontinha, Segadães (457).

Cronologia: Provável Origem Medieval.

Coordenadas geográficas (WGS84): 40° 36' 21,06" N
8° 30' 7,74" W

Descrição: o actual edifício, muito degradado, sofreu várias alterações mas, a estrutura primitiva em silhares de arenito é ainda bem visível, assim como alicerces da construção e/ou construções primitivas que afloram no terreno.



Sítio: Ponte do Vouga, Pontilhão, Macinhata do Vouga (22 / C8).

Cronologia: Século XIII/XIV.



Coordenadas geográficas (WGS84): 40° 38' 27,06" N
8° 27' 56,88" W

Descrição: Na rede viária nacional do distrito de Aveiro, a Ponte do Vouga constitui um marco único, dada a sua antiguidade. É, de acordo com a documentação disponível, a obra de arte mais antiga do distrito de Aveiro, no quadro da rede viária nacional. Com efeito data de 1294 a primeira referência a esta ponte, a qual se encontram referida no testamento de Sancho Pires, Bispo do Porto, que doa verbas para a sua reparação. Cerca de 250 anos depois (26 de Fevereiro de 1529), encontra-se nova referência a esta ponte: por alvará do Rei D. João III, um Mestre Ryanho da villa de Vouga é encarregado de a construir. Não cremos que tal seja correcto dado que a mesma já existia nos finais do séc. XIII, pelo que terá sido antes, responsável pela sua reconstrução. Reconstrução essa que tornará a ocorrer na primeira metade do séc. XVIII (1713), por ordem de D. João V, devido a ter sido destruída pelas cheias de 1708. Com estas obras a ponte passou a estar constituída por 16 arcos (Graça, 1957) de desigual dimensão. Encontrando-se muito arruinada por alturas de 1925, sofre profundas alterações, como tenham sido a instalação, sobre os arcos, de um tabuleiro de betão ladeado por passeios protegidos com gradeamento de ferro. Entre 1945 e 1946 são efectuadas as ultimas reformas na ponte, com a construção de um aterro contendo oito tubos de betão para escoamento das águas das cheias, assim como foi corrigido o tabuleiro de betão.



Sítio: Ponte Velha do Marnel, Lamas do Vouga (3 / A3)

Cronologia: Século XIII/XIV

Coordenadas geográficas (WGS84): 40° 37' 59,78" N
8° 28' 10,26" W

Descrição: Como a Ponte do Vouga, se bem que fora da rede viária nacional, esta ponte constitui como aquela, uma obra de arte de grande antiguidade. A primeira referência documental conhecida



para esta ponte encontra-se na “Carta de foro” de D. Afonso V, datada de 1366, em que se a refere como “a ponte noua de Marnel”. É contudo provável que a mesma date também do século XIII, como a do Vouga, dada a proximidade entre ambas, além de que, como aquela, possui também arcos siglados. Obras de reconstrução não se lhe conhecem mas, tudo leva a supor que no século XVI (1529), por ordem de D. João III, esta obra de arte tenha sofrido reconstrução, dados os estragos provocados pelas cheias anuais. O mesmo, eventualmente, terá ocorrido pelos inícios do século XVIII, quando o monarca João V mandou restaurar a Ponte do Vouga após as cheias desastrosas de 1708. A Ponte Velha do Marnel consiste numa obra de arte em alvenaria de arenito, com um cavalete contracurvado, perfil em S, disposto sobre cinco arcos (dois de volta perfeita e três de arco abatido), alguns dos quais contêm siglas das oficinas de pedreiro medievais, suportados por talhamares. É de referir que no pegão mesial, sobre o primeiro e segundo arco foi erguido um nicho em honra de Nossa Senhora do Rosário, trasladado posteriormente (século XVIII) para um nicho-oratório na entrada norte da ponte.

Por último, importa ainda apresentar uma listagem dos sítios não localizados²³, ou que foram destruídos ou sem interesse arqueológico:



Sítio: Fermentelos (terraços)²⁴

Cronologia: 30000 a.C. / VII milénio a.C.

Coordenadas geográficas (WGS84): Não localizado

Localização: Zona sobranceira à Pateira.

²³ Ao tentar-se localizar esses locais, verificaram-se algumas dificuldades, nomeadamente: falta de referências escritas ou orais; falta de coordenadas geográficas; dificuldades em fazer uma prospeção mais cuidada, devido à vegetação densa e praticamente intransponível; e falta de indícios materiais que atestem a indubitável ocupação antrópica dos sítios referenciados.

²⁴ Não foi possível encontrar indústrias líticas que permitissem relocalizar os terraços fluviais, nas Freguesias de Lamas do Vouga e Fermentelos, identificados pelas prospeções do Dr. Fernando A. P. Silva. Nos seus registos de sítios arqueológicos, as informações são escassas, quer ao nível da descrição dos sítios e muito menos quanto à sua localização. Assim esses sítios terão de ser alvo de uma prospeção mais intensa e minuciosa de forma a tentar relocalizá-los.



Descrição: A carta litológico-geotécnica do Concelho de Águeda (1986), elaborada no âmbito do PDM, assinala a presença de terraços fluviais na bacia do Rio Águeda, a NE de Águeda, na Freguesia de Travassô, e na margem norte do Rio Águeda, nomeadamente em Cabanões e Travassô de Baixo. As suas cotas oscilam entre os 8 e os 28 m de altitude. Trata-se de um terraço onde se depositaram essencialmente materiais argilosos e arenosos e algumas cascalheira de origem xistosa ou quartzosa.

Fontes: Mendia de Castro, Luís Filipe (1986): Carta litológica-geotécnica do Concelho de Águeda – escala 1:25000. Notícia explicativa.

Teixeira, C e Zbyszewski, G. (1976): - Notícia explicativa da folha 16-A da carta geológica de Portugal na escala 1:50000. Serviços Geológicos de Portugal.



Sítio: Lamas do Vouga (terraços do Rio Vouga)

Cronologia: 30000 a.C. / VII milénio a.C.

Coordenadas geográficas (WGS84): Não localizado

Localização: Localização provável em Lamas do Vouga ou nos lugares de Mesa, ou Pontilhão.

Descrição: A carta litológico-geotécnica do Concelho de Águeda (1986), elaborada no âmbito do PDM, assinala a presença de terraços fluviais na Bacia do Vouga, na Freguesia de Macinhata do Vouga, nomeadamente em Mesa, Serém de Baixo, Jafafe, Sernada do Vouga e Carvoeiro. As suas cotas oscilam entre os 10 e os 26 m de altitude. Estes terraços são constituídos por material silto-argiloso e cascalheira de origem xistosa ou quartzosa.

Fontes: Mendia de Castro, Luís Filipe (1986): Carta litológica-geotécnica do Concelho de Águeda – escala 1:25000. Notícia explicativa.

Teixeira, C e Zbyszewski, G. (1976): - Notícia explicativa da folha 16-A da carta geológica de Portugal na escala 1:50000. Serviços Geológicos de Portugal.



Sítio: Mamoa 1 da Urgueira²⁵, Macieira de Alcôba.

Cronologia: V milénio a.C. / II milénio a.C.

Coordenadas geográficas (WGS84): 40° 36' 58,80" N
8° 14' 43,70" W

Localização: Urgueira, fora dos limites do Concelho.

Descrição: Sem interesse arqueológico. Uma espécie de “trincheira”, de que não se sabe a finalidade (pedreira?).

Sítio: Mamoa da Galinha, Serém (Destruído)

Cronologia: V milénio a.C. / II milénio a.C.

Coordenadas geográficas (WGS84): 40° 39' 27,77" N
8° 28' 36,20" W

Localização: O montículo funerário conhecido sob a designação de “Mama da Galinha”, localizava-se no pinhal do mesmo nome no lugar de Serém de Cima. Estava implantado na plataforma litoral, à altitude de cerca de 104 m.

Descrição: Esta mamoa já não existe actualmente, devido ao facto de ter sido destruída para a construção de um pavilhão de uma empresa (ASD – Armando da Silva Dias). Durante o processo de licenciamento, foi alvo de intervenção arqueológica pelo Dr. Fernando Silva.

Fontes: Pereira da Silva, F. A (1990)

²⁵ Após deslocação ao sítio referido como Mamoa 1 da Urgueira, verificou-se não se tratar de qualquer tipo de construção megalítica. Trabalhos no terreno terão aberto uma espécie de “trincheira”, com fim desconhecido, e a deposição dos inertes terá criado a imagem de montículo artificial, mas nem sequer é arredondado, pois acompanha a “trincheira”. Não está visível qualquer estrutura tumular dolménica, é apenas visível o afloramento rochoso (em xisto). A sua localização a meia-encosta também seria estranha a um monumento funerário deste género, para além de estar situado já no concelho vizinho, visto que os limites concelhios acompanham o caminho.



Sítio: Forno, Espinhel²⁶

Cronologia: Idade do Ferro

Coordenadas geográficas (WGS84): Não localizado

CNS: 6217

Localização: Espinhel

Descrição: Descoberta uma série de peças de cerâmica e tijoleiras. Galeria de perfil quadrangular com alguns orifícios circulares, pondo-se hipótese de se tratar de um forno cerâmico. Actualmente, põe-se em causa a existência deste sítio. Após várias tentativas de realocização do mesmo, não foi possível encontrar qualquer evidência material deste sítio.

Sítio: Crasto de S. Jorge, Recardães²⁷

Cronologia: Idade do Ferro

Coordenadas geográficas (WGS84): Não localizado

Localização: Crasto de S. Jorge, Freguesia de Recardães

Descrição: É uma zona sobranceira à margem esquerda do Rio Águeda, com vertentes escarpadas que permitiriam excelentes defesas naturais, apesar da notável localização estratégica e das referências ao local apontarem para um povoado fortificado, até à data o mesmo ainda não foi localizado nem se encontraram quaisquer vestígios, mesmo que avulsos, da ocupação antrópica do lugar.

Fontes: Cardoso, C & Estanqueiro, R. (1990)

Sítio: Crasto, Recardães

Cronologia: Idade do Ferro

Coordenadas geográficas (WGS84): Não localizado

Localização: Este lugar encontra-se a cerca de 2 km a oeste de Recardães.

²⁶ Não foi possível localizar o Forno de Espinhel (CNS 6217) que aparece referenciado num artigo do jornal "O Primeiro de Janeiro" (1979), apesar desse artigo ainda não foi possível encontrar quem saiba informar da localização do mesmo e se ainda existirá, visto que na altura (1979) já se encontrava bastante degradado.

²⁷ Quanto aos povoados da Freguesia de Recardães, Crasto e Crasto de S. Jorge, não foi possível identificar qualquer vestígio arqueológico que permita atestar a existência desses povoados. Apesar das várias referências escritas a esses locais, essas referências poderão ter surgido sobretudo pelos topónimos "Crasto", normalmente associados a Castro, ou seja a povoados fortificados.



Descrição: Localiza-se a sudoeste do Castro de S. Jorge, quer pela ausência de vestígios até à data, quer pelas informações orais de residentes em Recardães, a existência deste povoado fortificado é muito duvidosa.

Fontes: Cardoso, C & Estanqueiro, R. (1990)



Sítio: Cova da Moura²⁸, Giesteira, Águeda.

Cronologia: Provavelmente de Época Romana.

Coordenadas geográficas (WGS84): Não localizado

Descrição: Abrigo, Gruta, local de mineração romana.

Sítio: Inscrição de Águeda²⁹, Águeda

Cronologia: Medieval Cristão

Coordenadas geográficas (WGS84): Não localizado

CNS: 6590

Localização: Águeda

Descrição: Referência a uma pedra com inscrições encontradas em Águeda. Levanta-se a hipótese de ter sido a cidade de Emino. Não existem elementos que permitam atestar que esta inscrição se encontre no aro concelhio, sendo até quase impossível adquirir referências alusivas a esta inscrição.

²⁸ A Cova da Moura, da Freguesia de Águeda, terá sua zona de implantação algures a sul de Vale Domingos de Cima e sobre o vale da Ribeira do Ameal. Mas a vegetação muito densa não permitiu a sua localização, contribuindo também para isso que a entrada (segundo as fotos) não é muito pronunciada, sendo mesmo muito pequena, para o tipo de sítio que aparece descrito.

²⁹ A inscrição de Águeda (CNS 6590) que aparece referenciada nas Inquirições de 1758, da qual não é revelada muita informação quer sobre o seu conteúdo, quer da sua localização. Sabe-se apenas que teria uma menção a Emino (Aeminium), o que terá levado vários autores a considerar que Águeda fosse esse povoado romano, povoado esse, que já se encontra perfeitamente identificado em Coimbra. Portanto não existe memória, para além dessa referência das Inquirições, da sua localização, nem da sua mensagem e nem se ainda existe, mesmo que em outro local.



Pesem embora estas achegas para o património arqueológico do Concelho de Águeda, convenha-se que é muito pouco, tendo em atenção o espaço geográfico e as características oro-hidrográficas da região, em que tudo aponta para uma densidade ocupacional muito mais intensa e diversificada, pelo que se deverá apostar num maior estudo dos locais arqueológicos identificados.

8. SÍNTESE

Após tudo o que foi referido, chega-se à conclusão que as freguesias que apresentam maior número de imóveis de valor patrimonial são Águeda devido ao conjunto que forma o Espaço Histórico-Cultural, Lamas do Vouga com as pontes medievais e os achados arqueológicos postos a descoberto, Macinhata do Vouga e Valongo do Vouga. Já as freguesias situadas mais no interior do Concelho, como Agadão, Belazaima do Chão, Castanheira do Vouga, Macieira de Alcôba e Préstimo, embora não tenham muitos imóveis que só por si representem mais-valias em termos patrimoniais, possuem aglomerados de casas executadas em xisto ou granito que formam conjuntos de valor patrimonial.

Analisando os valores patrimoniais existentes no Concelho de Águeda é possível sistematizar os principais problemas e potencialidades detectados:

8.1. DEBILIDADES

- Elevado número de construções em xisto e granito em avançado estado de degradação, situados em pequenos conjuntos habitacionais na zona serrana;
- Elevado grau de desertificação dos aglomerados das zonas serranas, algumas já habitadas por uma só família e outras totalmente abandonadas, muitas vezes gerado por fracas condições de habitabilidade;
- Degradação de imóveis de interesse histórico e cultural;
- Aparecimento de elementos dissonantes nas construções de valor patrimonial subsequentes à reabilitações ou restauros mal projectados;
- Parte da Zona Histórica sujeita à ocorrência de cheias;



- Elevado número de edifícios ou fracções devolutas, provocado por fracas condições de habitabilidade, gerando o progressivo abandono do Centro Histórico;
- Falta de conhecimento do património cultural (arquitectónico e arqueológico) existente por parte da população;
- Perda da memória cultural colectiva: imóveis, usos e costumes;
- Desaparecimento e destruição de vestígios arqueológicos por falta de informação e conhecimento por parte da população.

8.2. POTENCIALIDADES

- Espaço Histórico-Cultural pontuado com alguns edifícios de valor patrimonial;
- Proximidade do Rio Águeda que atravessa o Espaço Histórico-Cultural;
- Território concelhio pontuado por imóveis de interesse patrimonial;
- Pequenos aglomerados situados no interior do Concelho, constituídos essencialmente por construções em xisto e granito, formando conjuntos de valor patrimonial, que depois de recuperados poderão constituir pequenos empreendimentos turísticos na zona serrana, capazes de atrair visitantes;
- Alguns exemplos de relevo de património classificado;
- Exemplos de relevo ao nível do património arqueológico, tais como a Estação Arqueológica do Cabeço do Vouga, Almas Santas do Passal e Mamoas;
- Património Natural com potencial atractivo, como por exemplo o Parque de Alta Vila;

Em síntese, verifica-se que para além do património classificado existente no Concelho de Águeda, muitos outros bens culturais de valor arquitectónico ou arqueológico pontuam o território, muitas vezes desconhecidos da maioria da população, alguns dos quais em avançado estado de degradação ou abandonados, correndo-se o risco de a pouco e pouco se irem perdendo referências que fazem parte da história e da memória colectiva da população. Assim, torna-se urgente preservar, valorizar e dinamizar, para que a história se perpetue.



9. BIBLIOGRAFIA / WEBGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

Alarcão, J. (1974), *Portugal Romano*, Editorial Verbo, Lisboa.

Alarcão, J. (1988) – O domínio romano em Portugal, Lisboa: Europa América.

Almeida, D.F. (1975) – “Talábriga”, Enciclopédia luso-brasileira de cultura, vol.17, pp.986-987.

Almeida, D. J. A. (1962) – “Acerca de uma correcção feita ao troço Lancóbriga – Cale do Itinerário Antonino”. *Studium Generale*. Porto. Vol.9.1, pp.284-288.

Almeida, J. (1945), *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*, vol. I, Lisboa.

Arede, J. D. (1938) – Estradas Romanas no Distrito de Aveiro, vol. IV, pp.25-35, Aveiro.

Baptista, A.S.S. (1943) – Recordações do Marnel, vol. IX, pp. 24-33, Aveiro.

Batista, A. S. (1946), *A capela dos Lemos na Trofa*, Arquivo do Distrito de Aveiro, 8, Aveiro.

Batista, A. S. S. (1947a), *Santa Maria de Lamas*, Arquivo do Distrito de Aveiro, 13, n.º 51, Aveiro.

Batista, A. S. S. (1947a), *Pontes do Vouga e do Marnel*, Arquivo do Distrito de Aveiro, 13, Aveiro.



Baptista, A.S.S. (1948) – Talábriga, vol. XIV, pp. 214-230.

Batista, A. S. S. (1949), *Considerações sobre a Cidade Luso-Romana de Vacca, o Julgado e o Burgo do Vouga*, Arquivo do Distrito de Aveiro, 16, pp.81-117, Aveiro, 1950.

Baptista, A.S. S. (1950) – *Considerações sobre a Cidade Luso-Romana de Vacca, o Julgado e o Burgo de Vouga*, Arquivo do Distrito de Aveiro, vol. XIV, pp. 81-117.

Batista, A. S. S. (1958), *Ponte do Marnel*, Arquivo do Distrito de Aveiro, 24, Aveiro.

Barbosa, B. P. (1981), *Carta Geológica de Portugal na Esc. De 1/50 000. Notícia Explicativa da Folha 16-C Vagos*, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.

Boláu, J.O. (1943) – *Ensaio sobre morfologia litoral*, Lisboa.

Câmara Municipal de Águeda (1995), *Plano Director Municipal de Águeda*, vol. 7, Ambiente e Património.

Capão, A., (2001), *Águeda, Passado e Presente, Rumo ao Futuro...*, Câmara Municipal de Águeda, Águeda.

Cardoso, C & Estanqueiro, R. (1990), *Levantamento arqueológico do concelho de Águeda*, Coimbra.

Carvalho, G. C. (1946), *As formações geológicas mais antigas da orla mesozóica ocidental de Portugal*, Diss. Dout. Fac. Ciências, Univ. Coimbra, Coimbra.

Carvalho, G. C. (1950), *Depósitos Pliocénicos de entre o Rio Vouga e o Rio Águeda*, Arquivo do Distrito de Aveiro, 16, Aveiro.



Castro, L. F. M. (1986), *Carta Litológico-Geotécnica do Concelho de Águeda*, Notícia explicativa, Direcção-Geral da Administração Autárquica, Ministério do Plano e da Administração do Território, Lisboa.

Centeno, R. – “A Dominação Romana”. In *História de Portugal*, José Hermano Saraiva (dir.) vol. XVI, pp.149-211.

Chaves, L. (1948) – *Uma Viagem pelo Distrito de Aveiro no período de Romanização*, vol. XVI, pp. 267-276.

Correia, V. (1928) – “O Domínio Romano”. In *História de Portugal*, D. Peres e E. Cerdeira (dir.), pp. 217-290, Barcelos: Portucalense Editora.

Correia, V. (2004, 26 Janeiro) – “Situação Conjectural de Talábriga”. Reproduzido em Virgílio Correia, *Obras. Volume IV. Estudos Arqueológicos*, Coimbra, pp.257-259.

Costa, C. P.^o (1708), *Corografia Portuguesa*.

Duarte, L.G. (2001), *O Palacete Neomedieval de Barrô (1880-1925)*, Vol. I e II, Seminário da Licenciatura em História da Arte subordinado ao tema “A Arquitectura de Oitocentos em Portugal”, Coimbra.

Estima, A. S. (2003), *De Ualle Longum a Valongo do Vouga*, Casa do Povo de Valongo do Vouga, Águeda.

Fabião, C. (1992) – “O Passado Proto-Histórico e Romano”. In *História de Portugal*, José Mattoso (dir.), pp.77-299.

Fernandes, J. C. (2004), *Barrô ao Longo dos Tempos*, Águeda.



Figueiredo, A.C. B. (1885) – “Oppida Restituta: As Cidades Mortas de Portugal: Emínio”. Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa. Lisboa. 5ª série, nº2, pp.67-92.

Gonçalves, P.º A. N. (1959), *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Aveiro, Zona-Sul*, Academia Nacional de Belas Artes, vol. VI, Lisboa.

Graça, K. (1957), *Pontes existentes as estradas nacionais do distrito de Aveiro (de 1294 a 1955)*, Arquivo do Distrito de Aveiro, 23, Aveiro.

Graça, S. S. (1952), *Capelas públicas e particulares de Águeda*, Arquivo do Distrito de Aveiro, 18, Aveiro.

Lacerda, A. (1928), *O Panteão dos Lemos*, Porto.

Ladeira, Pº. F. D. (s. d.), *Município de Águeda*, vols. I e II, Águeda.

Lopes, F. (Courou. de) (1993), *Património Arquitectónico e Arqueológico Classificado*, Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, Lisboa.

Lopes, L.S. (1994) – “De Portugal a Coimbra pela Estrada Mourisca”, nº3, *Estudos Aveirenses*, nº3, Aveiro, pp.97-100.

Lopes, L.S. (1995) – “Talábriga: Situação e Limites Aproximados”, *Portvgália*, Nova série, vol. XVI, Instituto de Arqueologia, Porto, pp.331-343.

Lopes, L.S. (1996a) – “ Talábriga e as Origens da Terra de Vouga”, *Beira Alta*, vol.LV, 1-2, Assembleia Distrital de Viseu, pp.169-187.



Lopes, L.S. (1996b) – “As Coordenadas de Talábriga”, Estudos Aveirenses, nº 6-7, Aveiro, pp.149-164 e 229-244.

Lopes, L.S. (1997a) – “O Problema da Localização de Talábriga”, Munda, nº 34, Grupo de Arqueologia de Arte do Centro, Coimbra, pp.57-60.

Lopes, L.S. (1997b) – “Itinerários da Estrada Olisipo-Bracara: Contributo para o Estudo da Hispânia de Ptolomeu”. In Archeologo Português, sério IV, vol 13/15 (1995-1997) [volume comemorativo do centenário da revista], pp.313-346.

Lopes, L.S. (1997c) – “Correcções ao Itinerário de Antonino entre Olissipo e Bracara Augusta”, São João da Azenha.

Lopes, L.S. (2000) - “Tentativa de Sistematização da Historiografia de Talábriga”, Al-madan, IIª série, nº9, Centro de Arqueologia de Almada, pp.28-38.

LOPES, L.S. (2000) – “A Estrada Emínio-Talábriga-Cale: Relações com a Geografia e o Povoamento de Entre Douro e Mondego”, Separata da Revista Conímbriga, Volume XXXIX, Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra, p.191 – 258.

Lopes, L. S. (S. D.), Talabriga: Situação e Limites Aproximados, Portugália, NS, Instituto de Arqueologia, XVI, Porto.

Madahil, A. G. R. (1941), *Estação Luso-Romana do Cabeço do Vouga*, Arquivo do Distrito de Aveiro, Aveiro.

Madahil, A.G.R. (1941) – “Estação Luso-Romana do Cabeço do Vouga. Terraço subjacente à Ermida do Espírito Santo ou da Vitória”, Arquivo do Distrito de Aveiro, 7, pp.227-258, 319-369, Aveiro.



- Malafai, E. B. A. (1997), *Pelourinhos Portugueses, Tentâmen de Inventário Geral*, INCM, Lisboa.
- Mantas, V. G. C. S. (1993), *A Rede Viária Romana da Faixa Atlântica entre Lisboa e Braga*, 2 vols., Diss. Dout. F. L. U. C., Coimbra.
- Melo, L. M. (s. d.), *Travassô e Alquerubim e Outras Localidades da Região do Vouga*.
- Moreira, J. C. B. (1970), *Substâncias minerais não metálicas do Distrito de Aveiro*, Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro, Vol. XXIII, 1-2, Porto.
- Nabais, J. C. (1997-1998), *Instrumentos Jurídicos e Financeiros de Protecção do Património Cultural*, Coimbra
- Neves, A. (1984), *Os Lemos da Trofa na História e na Arte de Quinhentos*, Águeda.
- Neves, A., Semedo, E. & Arroteia, J. (1989), *Aveiro do Vouga ao Buçaco*, Lisboa.
- Neves, A. (1997), *A "Arte Nova" em Aveiro e seu Distrito*, Aveiro.
- Neves, F. F. (s/d) – A falsa identificação da cidade Luso-Romana de Talábriga em Aveiro, XL, pp.161-177.
- Neves, F. F. (1974) – A falsa identificação de Talábriga com Aveiro, vol. XL, pp.161 – 177.
- Oliveira, M. (1938) – Talábriga, vol. IV, pp.117-120.
- Oliveira, M. (1943) – De Talábriga a Lancóbrica pela Via Militar Romana, IX, pp.44-68.



Pereira, F. A. (1907), *Geografia Pproto-histórica da Lusitânia. Situação conjectural de Talábriga. O Arqueólogo Português*, XII, Lisboa.

Pino Leal, A. S. A. B. (1875-1890), *Portugal Antigo e Moderno*, Vol. V, XII, Lisboa.

Pereira da Silva, F.-A. (1990), *Mama da Galinha*, Rel. Inédito, Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro, Coimbra.

Pereira da Silva, F.-A. (s. d.), *Escavação da Mamoá da “Mama da Galinha” (Serém-Macinhata do Vouga)* – Águeda, no prelo.

Portela, A. R. C. (1904), *Águeda, Crónica, Paisagens, Tradições*, Águeda.

Portela, A. R. C. (1964), *Águeda*, Águeda.

Ramos, D. (s. d.), *Os Primeiros Senhores de Águeda*, Águeda.

Ribao, Q. F. (s. d.), *Levantamento Arqueológico do Concelho de Águeda*, Coimbra.

Rogado, N. Q. (1982), *Nota Acerca dos Solos do Médio e Baixo Vouga*, C. N. R. O. A., Aveiro.

Ruela, E. (s. d.), *Águeda de Ontem e Hoje*, Águeda.

Silva, F. A. P. (1990) – *Mama da Galinha, Serém de Cima (Águeda)*. Rel. inédito, SRAZC/IPPC, Coimbra/Lisboa.

Souto, A. (1930), *A estação Arqueológica de Cacia. 1 – Primeiras palavras. Primeiras impressões*, Aveiro.



Souto, A. (1942) – “Romanização no Baixo Vouga (Novo Oppidum da Zona de Talábriga)”, Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, vol. IX, fasc.4, Porto, pp.283 -328.

Souto, D. (1958), *Subsídios para uma carta arqueológica do distrito de Aveiro no período de Romanização*, Arquivo do Distrito de Aveiro, 24, Aveiro.

Tavares, A. (1983), *A capela de Nossa Senhora das Necessidades em Sobreiro (Valongo do Vouga)*, Boletim da ADERAV, 9, Aveiro.

Teixeira, C. & Zbyszewski, G. (1976), *Carta Geológica de Portugal na esc. de 1/50000*, Notícia explicativa da folha 16-A Aveiro, Serviços geológicos de Portugal, Lisboa.

Vieira, V. D. F. (1870), *Escavações Archeologicas. O Mosteiro de Santa Maria de Lamas*, Escola Popular, 29, Águeda.

Vieira, V. D. F. (1870), *Escavações Archeologicas. A Antiga Villa de Lamas ou do Marnel*, Escola Popular, 29, Águeda.

Viterbo, J. S. R. (Fr.) (1798), *Elucidário das Palavras, Termos e Frases...*, 2 vols., Lisboa.

WEBGRAFIA

www.ippar.pt

www.monumentos.pt



**FORAIS NOVOS DAS ACTUAIS FREGUESIAS DO CONCELHO DE ÁGUEDA**

Foral de Aguada de Baixo – datado de 12 de Setembro de 1514

Foral de Aguada de Cima – datado de 23 de Agosto de 1514

Foral de Assequins – datado de 15 de Agosto de 1514

Foral de Barrô – datado de 12 de Setembro de 1514

Foral de Castanheira do Vouga – datado de 6 de Junho de 1514

Foral de Espinhel – datado de 2 de Junho de 1516

Foral de Fermentelos – datado de 2 de Junho de 1516

Foral de Lamas do Vouga – datado de 18 de Março de 1514

Foral de Óis da Ribeira – datado de 2 de Junho de 1516

Foral de Préstimo – datado de 6 de Fevereiro de 1514

Foral de Recardães – datado de 20 de Março de 1516

Foral de Segadães – datado de 20 de Março de 1516

Foral de Trofa – datado de 20 de Março de 1517

Foral de Valongo – datado de 6 de Maio de 1514 (assim designado mas, na realidade, o monarca D. Manuel I concedeu foral a duas circunscrições medievais – Agueira e Brunhido – as quais fazem actualmente parte da Freguesia de Valongo do Vouga).

**FORAIS NOVOS DADOS A ANTIGAS “CIRCUNSCRIÇÕES MEDIEVAIS” E QUE ACTUALMENTE SE ENCONTRAM
INTEGRADAS NAS MODERNAS FREGUESIAS DO CONCELHO DE ÁGUEDA**

Foral de Casal D’Álvaro – datado de 20 de Dezembro de 1519 (integrada actualmente na Freguesia de Espinhel)

Foral de Bolfiar – datado de 20 de Dezembro de 1519 (integrada actualmente na Freguesia de Águeda)

Foral de Agueira – datado de 6 de Maio de 1514 (actualmente, lugar da Freguesia de Valongo do Vouga)

Foral de Brunhido – datado de 6 de Maio de 1514 (actualmente, lugar da Freguesia de Valongo do Vouga)